

UFRGS busca inovação tecnológica

Com a participação em conselho criado pela Fiergs, a Universidade aproxima-se do setor empresarial

Até o momento, as relações entre a universidade e o setor empresarial no Rio Grande do Sul foram esporádicas e localizadas. Mas, essa situação está prestes a mudar. No início deste ano, empresários e reitores de universidades reuniram-se na sede da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), dando início a conversações que tendem a ampliar o relacionamento entre as instituições científicas e tecnológicas e o sistema produtivo.

Os empresários convidaram os representantes das universidades a integrar o Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs. Segundo o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, José Carlos Ferraz Hennemann, isso veio ao encontro do projeto de inserção social da UFRGS, além de ser uma via de mão dupla com resultados positivos tanto para as empresas quanto para a Universidade.

O presidente do Conselho de Inovação Tecnológica, empresário Ricardo Felizzola, que foi professor do Instituto de Informática da UFRGS por dez anos, considera que essa aproximação universidade-empresa vai possibilitar a identificação de problemas e apurar soluções. Ele considera a universidade um repositório de saber, mas diz que os professores precisam buscar novos ambientes e conhecer a realidade extra-muros. Os professores também opinam sobre essa aproximação. **Página central**



Cabine de controle na Gerdau Açominas, empresa que poderá integrar parceria com as universidades

LEONID STRELIAEV

Os estrangeiros da Universidade

Debates

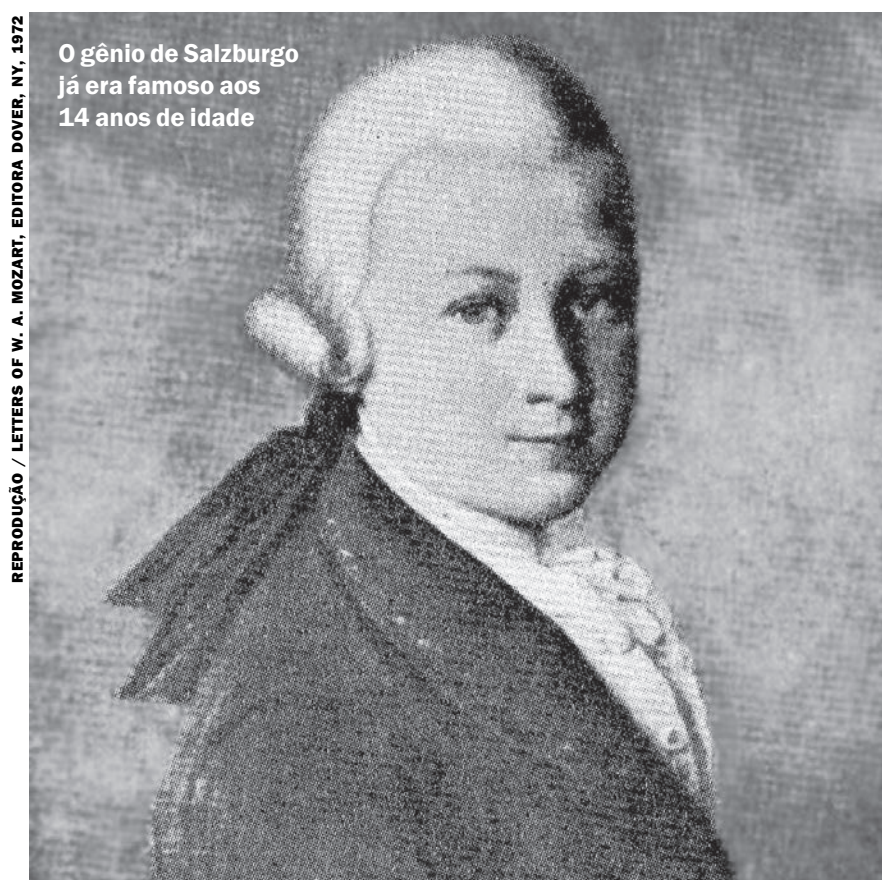
Internacional Há alguns anos, vem crescendo o número de estudantes de outros países que escolhem a UFRGS para realizarem cursos de graduação e pós-graduação. Eles vêm de nações desenvolvidas ou de países emergentes e trazem na bagagem grandes expectativas. O Jornal da Universidade ouviu sete desses “imigran-

tes acadêmicos”, que falaram sobre as dificuldades e as alegrias de estudar numa universidade pública brasileira. Paralelamente, o professor Paulo Visentini, titular da Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais da UFRGS, forneceu conselhos valiosos aos estudantes da Universidade que pretendem ingressar num

programa de intercâmbio. Para ele o mais importante é que a escolha de um curso no exterior faça parte de um projeto acadêmico pessoal. Finalmente, o reitor, professor José Carlos Hennemann, falou sobre a ampliação dos acordos e convênios que a UFRGS mantém com instituições estrangeiras. **Página 10**

Mulheres no Poder

As professoras Jussara Reis Prá, do IFCH, e Jane Felipe, da Faculdade de Educação, discutem as conquistas femininas na política e apresentam um extenso levantamento do número de mulheres que conquistaram o mais alto cargo em seus países de origem. **Página 4**



O gênio de Salzburgo já era famoso aos 14 anos de idade

REPRODUÇÃO / LETTERS OF W. A. MOZART, EDITORA DOVER, NY, 1972

Wolfgang Mozart, o primeiro músico livre de seu tempo

Cultura O fato de que, até o século XIX, o compositor austríaco tenha sido considerado como o primeiro de todos os músicos românticos e que, atualmente, ele seja reconhecido como um dos maiores expoentes da música do Período Clássico serve de ponto de partida para o pro-

fessor Fernando Lewis de Mattos, do Departamento de Música, fazer uma análise do caráter da obra de Mozart. No ano em que se comemora os 250 anos de seu nascimento, as composições e as idéias do músico são lembradas pelo seu estilo energético e apaixonado. **Página 13**

Editora lança nova coleção

Cultura No mês em que completará 35 anos de atividades, a Editora da UFRGS irá ganhar nova sede, implantar a livreria virtual, estrear um novo projeto arquitetônico para as suas duas livrarias e lançar uma série especialmente dedicada aos alunos de graduação. A diretora do órgão, professora Jusamara de Sousa, explica que um dos principais objetivos dessas ações é fazer com que os alunos possam adquirir os livros e não as cópias. Para isso, aposta em descontos maiores e no lançamento de uma campanha de fidelidade para atrair leitores. **Página 12**

Os medos de quem chega à UFRGS

Campus O início de um curso superior, às vezes, é marcado pela dificuldade de adaptar-se às exigências e à nova rotina impostas pela vida acadêmica. Adolescentes, recém saídos do Ensino Médio, vivem a experiência de estudar longe de casa e enfrentam o medo de amadurecer. Especialistas analisam as causas desses problemas e apontam caminhos para quem está “um pouco perdido”. Além dos setores já dedicados ao atendimento estudantil, a UFRGS discute estratégias para otimizar os recursos disponíveis e diminuir os índices de evasão e de repetência. **Página 6**

Março: o mês em que o país volta a funcionar?

Atualidade Enquanto o antropólogo Bernardo Lewgoy prova que a idéia de que o país só começa a funcionar depois do Carnaval é carregada de preconceito, representantes da indústria, do comércio e da agricultura explicam como e por que esses setores nunca pá-

ram. O que acontece, segundo eles, é um “deslocamento do consumo”, especialmente no setor do comércio. Um dos fatores apontados como responsável pela disseminação dessa idéia equivocada seria o próprio Poder Legislativo, com seus longos recessos. **Página 5**

Sandra: um olhar sobre as cidades



FLAVIO DUINA

Perfil Depois de uma fase em que privilegiou uma abordagem teórica do marxismo, a professora Sandra Jatahy Pesavento passou a dedicar-se à história cultural e a questões relativas ao imaginário, estudando inicialmente o universo dos pobres da cidade, das prostitutas, dos assassinos. Ela diz que o mundo mudou, e a maneira de ver e de analisar a complexidade do real a fez mudar também. No momento, finaliza mais uma pesquisa patrocinada pelo CNPq, denominada “Os sete pecados da Capital”, em que estuda as trajetórias de sete mulheres que, em Porto Alegre, se envolveram em práticas não-convencionais. **Página 15**

Cartas



Recebi o Jornal da Universidade, edição janeiro/fevereiro de 2006. Parabéns pelo trabalho. Muita informação pertinente ao período de férias que estamos vivendo, inclusive preciosas informações técnicas sobre os problemas de erosão e outros da nossa orla marinha. Também, como engenheiro, gostei muito da reportagem sobre Paulo Tigre, velho conhecido e colega nosso do curso de engenharia e do CPOR. Muito merecido o destaque e oportuna a matéria.

Arno Müller
Professor aposentado,
ex-diretor da Escola de
Engenharia e do Centro
de Tecnologia da UFRGS

Gostaria de parabenizá-los pela edição especial de verão do Jornal da Universidade. As matérias, que abordaram o tema "férias", foram muito interessantes, pois despertaram o interesse e a reflexão sobre o assunto, já que férias não significam apenas "viagem", mas sim uma oportunidade de busca interior por novas mudanças de vida. Abraços a todos!

Maria Aparecida Pires Nunes
Relações Públicas do Museu
da UFRGS e Departamento
de Difusão Cultural - Prorex

**Envie sua crítica,
sugestão ou opinião:**
e-mail: jornal@ufrgs.br
Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS

Memória da UFRGS



REPRODUÇÃO / ARQUIVO MUSEU DA UFRGS

► **MULHERES PIONEIRAS** Estudantes de Medicina, Odontologia e Farmácia durante aula de anatomia. A foto foi publicada na Revista do Globo de número 394, em 8 de setembro de 1945.

Espaço da Reitoria

UFRGS consolida internacionalização

A inserção internacional da UFRGS vem conhecendo notável expansão e qualificação. Avaliada como uma das melhores universidades do país, temos desenvolvido cooperação em nível de igualdade e reciprocidade com as nações mais avançadas, nossos tradicionais parceiros, com base numa internacionalização planejada, em lugar de uma adesão passiva à globalização. Paralelamente, participamos efetivamente das redes e fóruns internacionais mais relevantes e intensificamos o intercâmbio acadêmico com os países do Mercosul, com especial valorização da Associação de Universidades do Grupo Montevideu.

Mas a internacionalização tem de estar voltada também ao futuro. Daí as ações empreendidas em direção aos países emergentes e àqueles em relação aos quais podem ser estabelecidas novas parcerias estratégicas. É o caso dos acordos com a China, Coréia, Turquia, mas também com Cabo Verde (onde auxiliamos a implantação da primeira Universidade), Moçambique, Cuba e o estabelecimento de um Centro de Estudos sobre a África do Sul, em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, além de outras iniciativas em curso. Assim a UFRGS, em 2005, passou a ter acordos com universidades de todos os continentes, obtendo uma presença re-

almente global, recebendo anualmente centenas de estudantes e enviando outros tantos, que têm representado brilhantemente o país e a Universidade no exterior.

Percorremos, portanto, um caminho solidamente construído, que se iniciou por nossos primeiros professores vindos do exterior, no início do século passado, aperfeiçoou-se através do grande número de docentes que se doutoraram em universidades estrangeiras, e consolida-se na atualidade, através de uma universidade plenamente inserida no cenário internacional.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal,
Eduardo Pedro Corsetti,
Enno Dagoberto Liedke Filho,
Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti
Machado, Maria Heloisa Lenz e
Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editora-chefe
Ánia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra e Ricardo de Andrade
Ilustrações
José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedrosa
Colaborou nesta edição
Caroline da Silva
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

Responsabilidade social individual

"Toda ordem social é criada por nós. O agir ou não agir de cada um contribui para a formação e consolidação da ordem em que vivemos."

José Bernardo Toro A.
Sociólogo colombiano

A responsabilidade social individual (RSI) é o princípio de todo o processo de mudança que certamente resultará num "ser humano melhor". Implica, fundamentalmente, assumir uma postura de construtor, colaborador e transformador para uma causa comum. É uma tomada de decisão ética, na qual a consciência mobilizada permanentemente clama e age no sentido de trabalhar valores internos que despertem na pessoa o seu potencial como agente transformador. Como afirma Fritjof Capra "(...) não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento. A vida é uma propriedade dos planetas e não dos organismos individuais".

É preciso uma nova compreensão em que a questão das relações de domínio ceda à idéia de rede: necessidade de associar-se, estabelecer vínculos, cooperar uns com os outros. A pessoa descobre-se não apenas como um ser em comunhão consigo, mas com o outro, enfatizando o significado de alteridade.

O voluntariado conscientiza e apóia as pessoas para a opção de incluir em seu projeto de vida o projeto de vida do outro, visando com isso uma melhoria sua como ser humano através da disponibilidade de seu tempo, conhecimento e emoções em prol do outro. Duas das crenças da Parceiros Voluntários dizem: (1) Toda pessoa é solidária e é um voluntário em potencial. (2) Todo trabalho voluntário traz retorno para a comunidade e para as pessoas que o realizam.

A ONG Parceiros Voluntários conta, no estado, com 146 mil pessoas engajadas, 1.400 empresas, 850 escolas, 52 mil jovens do ensino fundamental e médio, 1.700 organizações sociais que recebem as pessoas interessadas em voluntariar. A Parceiros Voluntários também oferece a essas organizações conveniadas vários cursos de desenvolvimento de gestão e de liderança.

Exemplos isolados de pessoas boazinhas? Não parece. O voluntariado, gente que faz coisas para os outros, gera, em diversos países desenvolvidos, mais de 5% do PIB em bens e serviços sociais. Na Europa Ocidental, o valor das operações, entre rendas e trabalhos gratuitos, superou em 1995 US\$ 500 bilhões anuais; nos Estados Unidos, US\$ 675 bilhões; e no Japão, US\$ 282 bilhões (Johns Hopkins University). São milhões de pessoas que dedicam horas semanais para trabalhar pelos outros, pelas crianças, por

**O voluntariado
gera mais de
5% do PIB em
diversos países**

personas com necessidades especiais, idosos, desabrigados, doentes, pela preservação do meio ambiente e muitas outras causas. Pesquisas nos EUA mostram que os voluntários de hoje já eram ativos nas ações de interesse coletivo desde a escola secundária.

Numa democracia, as políticas públicas têm a responsabilidade principal de garantir aos seus cidadãos acesso à nutrição, saúde, educação, trabalho e direitos básicos, mas a atividade voluntária poderia complementá-las, ampliar em extensão, ajudar a melhorar sua transparência e efetividade. É capital social em ação.

A atividade voluntária, que contraria a fria imagem do ser humano como *homo economicus* dos textos de economia, não está movida pela procura de benefícios econômicos nem do poder; é produto de valores éticos, da consciência. Perante o freqüente individualismo e indiferença diante do drama da pobreza, manda a mensagem de que somos responsáveis uns pelos outros. Diante do sofrimento por que passam crianças, mulheres e idosos por privações inadmissíveis, que não há postergação possível, é preciso agir já. É hora de valorizar, apoiar de todas as maneiras e pôr em prática este capital ético, que pode ser

um pilar para um desenvolvimento pujante e equitativo. É o nosso "compromisso humano", se quisermos nos sentir humanos. Nossa humanidade se concretiza somente quando a colocamos em prática, por intermédio do outro humano.

Maria Elena Pereira Johannpeter
Presidente da ONG Parceiros Voluntários
www.parceirosvoluntarios.org.br



Todo trabalho voluntário traz retorno para a comunidade e para as pessoas que o realizam

um pilar para um desenvolvimento pujante e equitativo. É o nosso "compromisso humano", se quisermos nos sentir humanos. Nossa humanidade se concretiza somente quando a colocamos em prática, por intermédio do outro humano.

Maria Elena Pereira Johannpeter
Presidente da ONG Parceiros Voluntários
www.parceirosvoluntarios.org.br



concurso ■
Terceira edição do concurso DOC TV

Permanecerão abertas até 17 de março as inscrições para o concurso que vai selecionar projetos de documentários inéditos e originais com 52 minutos de duração que receberão verba para a produção e serão exibidos na terceira edição do Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro (DOC TV). Esse concurso está sendo realizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Fundação Padre Anchieta e Abepec e resultou de uma parceria entre o Ministério da Cultura, através da Secretaria do Audiovisual, a Fundação Padre Anchieta, a TVE e o Instituto Estadual de Cinema (Iecine). O regulamento prevê a premiação de um ou dois projetos, que receberão R\$ 100 mil reais cada um, através do contrato de co-produção com a TVE e a Fundação Padre Anchieta/TV Cultura. Para o julgamento serão tomados como base a criatividade na escolha dos objetos e na adequação das estratégias de abordagem da proposta do documentário e a viabilidade de realização nos termos do regulamento. Após a liberação da primeira parcela dos recursos financeiros de produção, os contemplados terão 150 dias para a conclusão dos projetos. A exibição dos documentários será feita em cadeia nacional e na programação da TVE de novembro de 2006 a julho de 2007. Quem desejar ler o texto completo do regulamento deve acessar www.tve.com.br. As inscrições devem ser feitas na Secretaria de Cultura do Estado (Praça Marechal Deodoro, 148), de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h. Mais informações no Iecine, pelo telefone 3286-1900.



infra-estrutura ■
Faculdade de Educação reabre bar

No reinício das aulas, o Campus Centro volta a ter um bar no térreo da Faculdade de Educação. O proprietário do empreendimento, Saul Wisniewski, informa que o bar oferece café, lanches e almoço, com destaque para as saladas e os pratos de forno. "Para atender às exigências do contrato com a Faculdade, vamos servir refeições mais saudáveis, que não necessitem de fritura", diz Saul. Ele ressalta ainda o investimento feito na reforma completa do ambiente, com a troca da parte elétrica e hidráulica e a ampliação do banheiro para tender aos clientes. Saul, porto-alegrense de 47 anos, instalou-se em abril de 1996 com

clima ■
A resposta da natureza

Flávio Dutra

"Em curto prazo, não há como reverter o aumento da variabilidade climática no Brasil e no mundo. Para atacar esse problema são necessários altos recursos financeiros, muita tecnologia e tempo", afirma o professor Fernando Pohlmann Livi, do Instituto de Geociências da UFRGS. O especialista em climatologia diz que, no momento, é preciso que a população se adapte às novas condições climáticas impostas pelo aquecimento global. Ele lembra o exemplo positivo de Israel, que transformou uma região árida em área própria para a agricultura com muitos investimentos e o domínio de técnicas adequadas. Para o professor Livi, o que está acontecendo é uma resposta da natureza às inúmeras agressões do homem. O uso intensivo de combustíveis fósseis, como o petróleo e o carvão, provoca o aumento do efeito estufa. O efeito estufa resulta em aquecimento global que entre outros problemas determina a elevação gradual do nível dos oceanos, prejudicando a ocupação dos

litorais. A saída, segundo ele, pode estar em mecanismos de compensação do próprio planeta, como as grandes erupções vulcânicas, cujas cinzas podem reduzir a energia do sol recebida pela superfície terrestre. Mas, sem dúvida, a sociedade pode tentar evitar o agravamento da situação se reduzir o uso dos combustíveis fósseis, suspender ou diminuir significativamente as derrubadas e queimadas de florestas e reflorestar grandes áreas do planeta.

moradia ■
Casa do estudante

Encerram em 10 de março as inscrições para a seleção de moradores da Casa do Estudante Universitário (CeU), localizada na Av. João Pessoa. Podem candidatar-se alunos da Escola Técnica, de Graduação e de Pós-graduação (mestrado) da UFRGS. Agendamento da entrevista através do Portal do aluno, clicando no link Assistência Estudantil.

medicina ■
Núcleo estudará doenças infecciosas

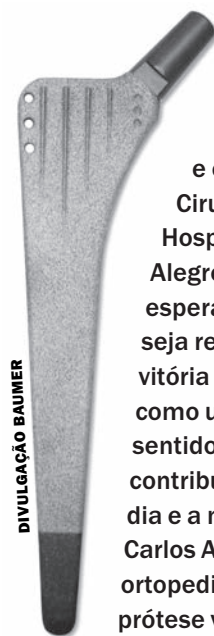
O professor da disciplina Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da UFRGS e chefe da Unidade de Infectologia do Hospital de Clínicas, Luciano Goldani, está criando o Núcleo de Estudos Estratégicos de Doenças Infecciosas Emergentes, que será composto por diferentes profissionais da área acadêmica. "A proposta desse Núcleo da UFRGS é desenvolver estudos para o monitoramento e o controle das doenças infecciosas emergentes no mundo, principalmente no Brasil, como tuberculose multi-resistente, gripe aviária, HIV,

Febre Aftosa e entre outras. De acordo com o professor Goldani, a gripe aviária pode chegar ao Brasil em prazo muito curto através de aves migratórias: "Focos de aves migratórias infectadas começaram a ser detectados em alguns pontos do mundo. Essas aves podem vir para a América do Sul na primavera e no verão. O contato dos pássaros migratórios infectados com aves que estão próximas do ser humano, como galinhas, patos etc., pode desencadear a infecção em humanos e o aparecimento da doença no Brasil".

ortopedia ■
Ortopedia brasileira high tech

Ao atingir 20 anos de experiência na utilização de implantes do quadril, o ortopedista e pesquisador da Faculdade de Medicina da UFRGS Carlos Alberto Souza Macedo está comemorando uma conquista para a ortopedia brasileira: o lançamento da Logical CM, uma prótese femoral não cimentada criada a partir da experiência do médico, baseada no princípio biomecânico e desenvolvida pela Divisão de Tecnologia da Baumer, empresa 100% brasileira. O projeto de desenvolver uma prótese de qualidade iniciou no ano 2000 e, durante cinco anos, a pesquisa passou por várias etapas até a obtenção de um produto com garantia de qualidade e segurança. Lançada em janeiro deste ano, a Logical^{cm} é a primeira prótese femoral não cimentada brasileira submetida a testes internacionais sugeridos pelo *Food and Drug Administration*, departamento

americano de controle de alimentos e remédios (FDA, sigla em inglês), para certificar a qualidade do implante apresentado. O modelo é uma evolução resultante da experiência do ortopedista em próteses com o conceito biomecânico utilizado e estudado pelo Grupo de Cirurgia do Quadril do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. "Estamos orgulhosos e esperamos que este esforço seja reconhecido como uma vitória sobre o imediatismo e como um avanço importante no sentido de qualificar e dar uma contribuição à ciência da ortopedia e a nossa indústria", afirma Carlos Alberto Macedo. O ortopedista acrescentou que a prótese vai viabilizar as cirurgias do quadril, beneficiando os pacientes que tenham a indicação de implantes femorais não cimentados, pois se trata de um produto nacional de qualidade comprovada pelos testes e ensaios aos quais foi submetido.



Divulgação Baumer

Breves

Extensão
Estão abertas até 17 de março as inscrições para a solicitação de bolsas de extensão, relativas ao edital de 2006. O período de vigência será de 5 de abril a 31 de dezembro. Estarão habilitados projetos aprovados pelas Comissões e pela Câmara de Extensão, com execução neste ano, ou novos projetos encaminhados até 10 de março e aprovados até o dia 17 do mesmo mês. O programa de bolsas tem como objetivo proporcionar aos alunos de graduação participação efetiva em projetos de extensão junto às comunidades externa e interna. Formulários deverão ser preenchidos via Portal do Servidor/Extensão, no site www.ufrgs.br.

Literatura brasileira
De 20 de março a 20 de abril estarão abertas as inscrições para a segunda edição do *Curso de especialização em literatura brasileira: formação do professor*, organizado pelo Instituto de Letras. Segundo a coordenadora, professora Gínia Maria Gomes, o objetivo é a atualização de professores que atuam nos ensinos fundamental e médio, mas o curso também poderá ser frequentado por profissionais de história, jornalismo e áreas afins. Mais informações pelo telefone 3316-6706 ou através do e-mail esplb@ufrgs.br.

Cadastramento
A partir da segunda quinzena deste mês, a coordenação do projeto UFRGS Portas Abertas, edição 2006 estará disponibilizando na página da Universidade na Internet um formulário para cadastramento de propostas de atividades. Diretores de Unidades, órgãos e demais setores da UFRGS devem começar a planejar desde já a programação, que tradicionalmente é desenvolvida em maio. Informações pelo telefone 3316-3535 ou através do e-mail cepb@ufrgs.br

Prêmio Petrobras
A segunda edição do Prêmio Petrobras de Tecnologia está com inscrições abertas até 31 de maio. Podem participar estudantes de instituições de ensino superior nacionais cujos cursos sejam reconhecidos pelo MEC nos níveis de graduação e pós-graduação. Serão distribuídos mais de 700 mil reais em prêmios nas áreas de petróleo, gás natural e energia. O regulamento pode ser acessado no site www.petrobras.com.br. Na edição anterior, o aluno da Escola de Engenharia, Mário Dias Lima (ver página 6 desta edição) conquistou o primeiro lugar na categoria Gás.

Oftalmologia
O trabalho sobre a ambliopia, coordenado pelo professor Edson Procianny, da Faculdade de Medicina, foi selecionado para participar do Congresso da Associação Americana de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo, que será realizado este mês nos Estados Unidos. O evento é o mais importante na área de oftalmologia pediátrica e estrabismo. Ambliopia é a perda da visão que ocorre pela falta de uso do olho durante a infância. Estrabismos e diferenças de grau entre os olhos são as causas mais frequentes.



MULHERES NO PODER

O movimento pela igualdade de direitos entre homens e mulheres atravessou o século passado marcando algumas importantes vitórias. Das primeiras lutas pelo direito ao voto até a conquista da liberdade sexual, muitas foram as personagens anônimas que enfrentaram o preconceito e a inflexibilidade de uma sociedade conservadora, que reservava para o mulher um único papel.

Hoje, fica claro que boa parte das resistências tinham como origem não só uma base moral, mas também econômica: o que parecia preocupação com a manutenção dos valores da família não passava de reserva de mercado para a mão-de-obra masculina.

As guerras e o acirramento da disputa por novos mercados acabaram expondo uma realidade até então ignorada: a de que as mu-

lheres podiam ser muito mais do que mães e donas-de-casa. Nas fábricas, no comércio e nas universidades elas rapidamente ocuparam seu lugar e provaram sua capacidade. Mas uma área ainda permanece quase que exclusiva dos homens: a política.

No mês em que se celebra o Dia Internacional da Mulher nada melhor do que fazer um balanço do quanto se conquistou e do

que ainda há por garantir. Os textos das professoras Jussara Reis Pra, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e Jane Felipe, da Faculdade de Educação, provam que as coisas estão mudando, e não é de hoje.

Para os que se espantarem com o número de mulheres que estão à frente da presidência de seus países uma questão: por que o espanto?

Conquistas femininas na política

Jussara Reis Prá

Professora de Ciência Política e pesquisadora do Núcleo Mulher/UFRGS

Muitas celebrações de 8 de março, Dia Internacional da Mulher, relembra-ram conquistas femininas e ocasiões em que as mulheres romperam o isolamento do espaço privado e foram às ruas portando bandeiras em várias línguas. Recentemente elas conquistaram postos de trabalho, maioria na educação e no eleitorado, e demonstraram competência, sobretudo atuando em entidades sociais. Mas a lógica de valores imputada ao público (masculino) e ao privado (feminino) desqualificou historicamente as mulheres, erguendo barreiras entre elas e a vida política. Hoje, porém, boa parte da opinião pública as vê como sujeitos capazes de transpor fronteiras e ocupar o espaço público. Fica como recado das urnas, a vitória recente de uma dezena de mulheres para liderar seus países.

Nos cinco continentes, mulheres com carreira política e formação superior chegam ao comando do Estado. Na América Latina, Michelle Bachelet, ex-ministra de Saúde e Defesa, é eleita presidenta do Chile (2005). Sua vitória, um marco na história do sufrágio universal da América Latina. Na África, a ex-ministra de Finanças Ellen Sirleaf, chega ao comando da Libéria como a primeira mulher eleita no continente.

No mundo desenvolvido, Angela Merkel, é a primeira chanceler eleita na Alemanha (2005). Já na Escandinávia, Tarja Halonen, ex-ministra de Assuntos Sociais e Saúde e da Justiça, presidenta da Finlândia desde 2000, é reeleita em 2006. Mary McAleese, chega à presidência da Irlanda em 1997 e se reelege em 2004. Vaira Vike-Freiberga preside a Letônia pela segunda vez. No terceiro mandato, Helen Clark é a primeira-ministra da Nova Zelândia.

Ao lado destas, Begum Zia, primeira-ministra de Bangladesh desde 2001, é a única sem curso superior e que assume o cargo apoiada por colaboradores do marido-presidente assassinado. Filha de ex-presidente, a filipina Gloria Arroyo, reeleita em 2004, tem parentesco político, mas graduação universitária no currículo. Maria do Carmo Silveira lidera o Estado insular de São Tomé e Príncipe, que já elegeu duas primeiras-ministras. Em Moçambique, esse cargo é ocupado pela ex-ministra de Planejamento e Finanças, Luísa Dias Diogo, desde 2004.

Casos exemplares, eleições como as do Chile e da Libéria indicam que a relação gênero-poder pode assumir novas feições, quicá, pautadas por um modelo solidário de governar. Entre poucas promessas de campanha, Bachelet anunciava a intenção de formar governo igualitário entre homens e mulheres, e Sirleaf, de trocar diferenças políticas por amizade e solidariedade. Distantes do modelo paternalista, encarnado por Margaret Thatcher e do modelo de redes parentais, que conduziu ao poder viúvas políticas como Isabelita Perón, essas mulheres têm trajetória independente e o que as aproxima é o fato de ocuparem cargos re-

Fica como recado das urnas, a vitória recente de uma dezena de mulheres

servados às mulheres (assistência social ou educação), sobressaindo-se em pastas da defesa, planejamento, finanças e relações exteriores.

Os riscos do reducionismo para explicar como as mulheres ocupam o espaço político, no entanto, exigem cautela na avaliação. É difícil identificar simetrias entre mulheres de diferentes

etnias, culturas, religiões e ideologias sem perder o individual.

A participação das mulheres nos centros de decisão está aquém do seu contingente populacional ou capacidade técnica e científica. Em todo o mundo sua representação parlamentar é de 15,7% e, entre 191 Estados, chefiam apenas 11 (5,8%). Essa quase invisibilidade denuncia que o modelo de igualdade da democracia é basicamente masculino. Resta então indagar: qual o significado destas conquistas nas urnas?

Hoje, com maior patamar de igualdade de gênero, abrem-se novos espaços para as mulheres. Tal abertura provavelmente reflete uma vontade difusa de incluir nos processos decisórios os valores e a sensibilidade que, no imaginário coletivo, estão associados às mulheres. Todavia, para chegar efetivamente ao poder elas certamente ainda terão uma difícil jornada. Por tudo isso, estima-se que os próximos 8 de março sejam a ocasião de comemorar novas conquistas femininas na política. ■

Poder com competência ética

Jane Felipe

Coordenadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero do PPGEDU

No ano passado, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, na cidade de Mossoró (RN), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fez o seguinte comentário: *“Eu espero que vocês não sejam desafortunadas e não comecem a pensar logo na presidência da República, não. Eu espero que vocês vão devagar com essa pressa de poder”*.

Muita coisa aconteceu de lá para cá na política nacional, e é muito provável que tenhamos, nas próximas eleições, contrariando as expectativas de Lula, a combativa senadora alagoana Heloísa Helena, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) como candidata à presidência.

Outra disputa que promete movimentar o debate em torno das mulheres no poder serão as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2008, pois ao que tudo indica, teremos uma acirrada disputa entre Hillary Clinton, do Partido Democrata, e Condoleezza Rice, do Partido Republicano, atual secretária de Estado norte-americana.

No entanto, cabe lembrar que o poder político exercido pelas mulheres não se constitui em algo inédito na história da humanidade. No século XX, especialmente a partir do final da década de 60, tivemos uma ampliação importante da participação das mulheres no campo da política, muitas delas se destacando no comando de seus países, tais como: Indira Gandhi, que governou a Índia em duas ocasiões (de 1966 a 1977 e de 1980 a 1984, ano em que foi assassinada por agentes de sua guarda pessoal); e Golda Meir, primeira-ministra de Israel entre 1969 e 1974.

As décadas de 80 e 90 também testemunharam a ascensão das mulheres no campo da política. Poderíamos citar: Corazón

Há um longo caminho a percorrer na política nacional, apesar das cotas

Aquino, primeira mulher a chegar ao poder nas Filipinas, governando de 1986 a 1992; no Oriente Médio, Benazir Bhutto, nomeada primeira-ministra do Paquistão em 1988, sendo, então, a primeira mulher a governar um país de maioria muçulmana; Mary Robinson, presidente da Irlanda no período de 1990 a 1997; e Mireya Moscoso, presidente do Panamá entre 1999 e 2004.

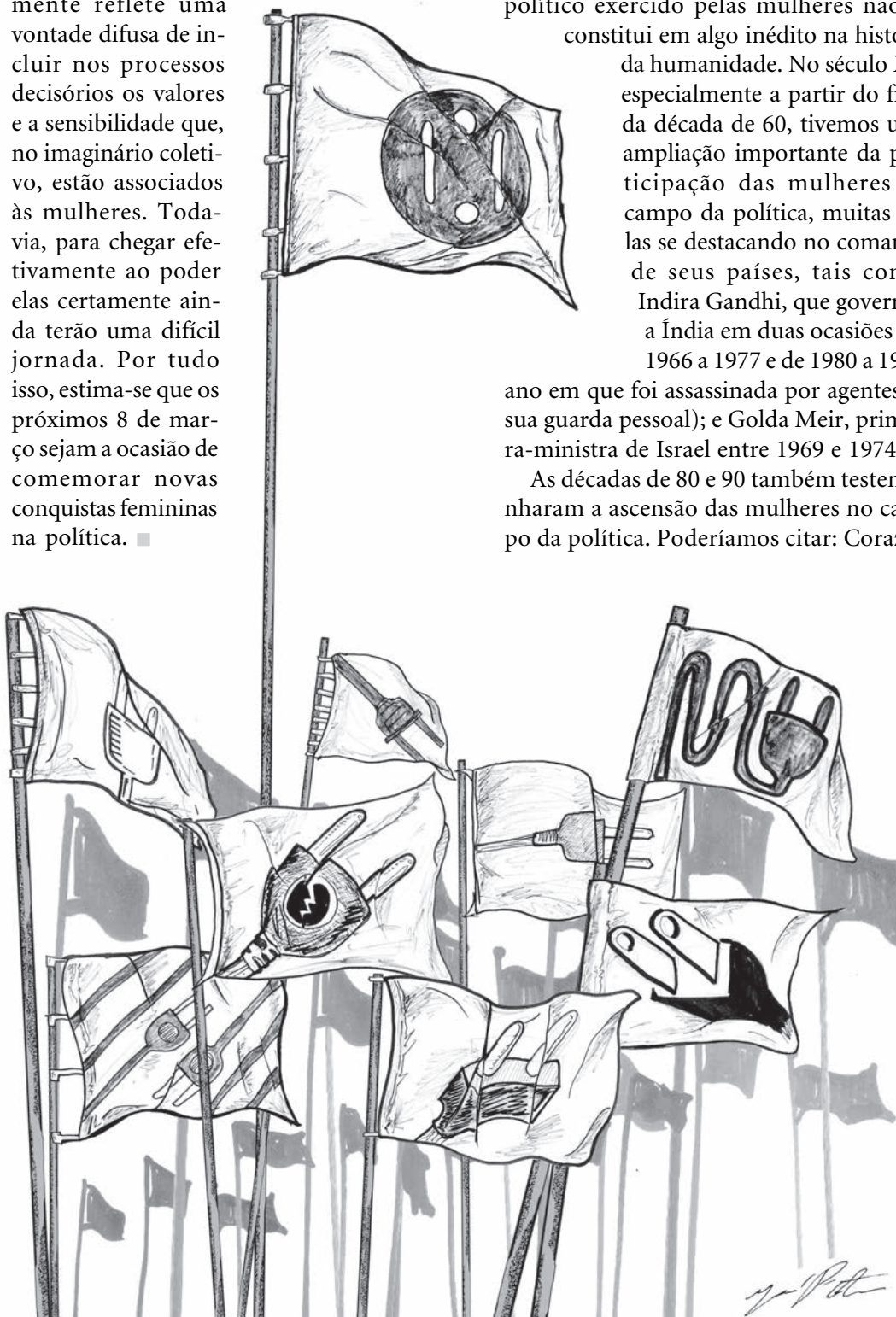
Recentemente, assumiram o poder Ellen Johnson Sirleaf, presidente da Libéria; Angela Merkel, chanceler alemã; e Michelle Bachelet, eleita para a presidência do Chile.

A trajetória dessas mulheres que chegaram ao poder se deve, em parte, às lutas de muitas outras, que se mostraram incansáveis em suas reivindicações pela igualdade de direitos. Cabe lembrar que, com a Revolução Industrial, as mulheres foram, aos poucos, conquistando alguns espaços importantes e participando de forma mais efetiva em áreas que, até então, eram vinculadas apenas ao mundo masculino.

Atualmente, no Brasil, temos um número expressivo de mulheres nos mais altos escalões do poder, se compararmos com governos anteriores. No entanto, ainda há uma enorme discrepância dessa participação nos Estados, pois há somente duas governadoras: Rosinha Matheus, no Rio de Janeiro, e Vilma de Faria, no Rio Grande do Norte. Dos 5.560 municípios brasileiros, apenas 418 são governados por mulheres. No Senado, temos apenas nove mulheres, o que representa 11,1% do total dos 81 senadores. Na Câmara, dos 513 deputados federais, somente 46 são mulheres (cerca de 9%).

Há ainda um longo caminho a ser trilhado em busca do poder na política nacional, apesar da lei de cotas, que estimula a participação feminina nos partidos políticos. O acesso das mulheres aos cargos de poder não garante necessariamente um efetivo comprometimento com as lutas feministas, pois muitas delas apresentam um perfil bastante conservador e identificado com os interesses das classes mais favorecidas economicamente. Por outro lado, as mulheres não devem ter sua atuação voltada apenas aos interesses de mulheres e crianças, como se sua competência se restringisse a esses mundos.

Outro aspecto que merece ser discutido diz respeito ao fato de que tais conquistas não chegaram para todas, pois a maioria das mulheres está alijada de seus direitos básicos, como o acesso à saúde, à educação, à moradia. Basta lembrar que 70% das pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza são constituídas de mulheres, gerando assim inúmeras vulnerabilidades. Refiro-me, por exemplo, ao problema da violência doméstica, ao abuso e à exploração sexual de meninas e adolescentes e aos altos índices de contaminação pelo HIV. Isso nos faz pensar o quanto o poder político chega apenas para algumas mulheres, havendo assim um longo caminho a percorrer. Precisamos, mais do que nunca, ter pressa! Pressa de poder, mas com competência e ética! ■



ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI

No Brasil o ano começa em março. Será?

Comportamento *Representantes do setor produtivo contestam a veracidade do senso comum*

Jacira Cabral da Silveira

Uma pessoa entra em um corredor escuro e escuta um aviso: cuidado, tem um degrau no final do corredor. Daí para frente, a atenção redobra, mas não há degrau nenhum. É mais ou menos isto o que ocorre com a idéia de que no Brasil o ano começa no mês de março. Segundo representantes de setores como o comércio, a indústria, a agricultura e a pecuária, essa é uma grande mentira. Para o antropólogo Bernardo Lewgoy, professor do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia da UFRGS, a sensação de começo do ano está associada aos ciclos de trabalho e férias.

O vice-presidente da Federasul, Silvio Sibemberg, concorda com Lewgoy. Para ele, tal sentimento resulta da concentração de férias nesse período, quando as empresas escalam o descanso de seus funcionários e as escolas fecham suas portas. Para ele, a sensação de que diminui o consumo no setor do comércio é ilusória, pois o que ocorre é o deslocamento do consumo.

Entretanto, o dirigente reconhece que alguns setores ficam desaquecidos, daí a necessidade de criar estratégias para superar os desafios do momento. Exemplo disso são as grandes liquidações de fevereiro, que envolvem cidades inteiras. Tradicionalmente, este mês resultava em lucros menores em comparação com outros períodos do ano. Copiando a liquidação do setor do vestuário, que em março e agosto lança suas novas coleções, os demais segmentos do comércio adotaram fevereiro como oportunidade para as remarcações.

O presidente do Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs, Ricardo Felizzola, acredita que, nos últimos dois anos, tem diminuído a tendência das férias coletivas para



os trabalhadores durante o verão ou na festas de final de ano. “Para o setor da indústria, esta afirmação não é verdadeira, porque o trabalho não pára.” Ele acrescenta que talvez seja difícil encontrar as pessoas nas segundas-feiras pela manhã ou nas sextas-feiras à tarde, devido ao final de semana prolongado, mas isso não chega a afetar o ritmo das atividades, uma vez que já é praxe nas empresas as segundas-feiras serem reservadas às reuniões internas de planejamento.

Felizzola diz que a idéia de que nada acontece neste período e de que o Brasil só começa a funcionar

Indústria, setor primário e de serviços não param no verão

em março se deve a uma série de fatores e destaca a área do governo federal como um dos principais responsáveis por essa sensação: “O Legislativo costuma ter quase 60 dias de férias”. Somado a isso, cita o Carnaval que, no Nordeste, se es-

tende por um período maior que no resto do país.

Para o consultor da Farsul, Ivo Lessa Silveira Filho, o ano no setor primário não pára. O que condiciona o calendário são os períodos determinados pelas safras de inverno e verão. O especialista diz que, embora o produtor brasileiro tenha se acostumado ao ritmo mais lento de final de ano, ele não deixa para recomeçar suas atividades só depois do carnaval: “Os produtores apenas fazem uma parada de 10 a 15 dias, na virada do ano”, garante.

O setor primário vive da safra e as atividades iniciadas no verão

encerram com a safra de junho. Mas, segundo Lessa, para quem trabalha com a safra do inverno, não há descanso. “Quem planta no inverno, colhe em outubro, na primavera e praticamente não tem hora de parar.” Isso ocorre porque o setor primário não se regula pelo ano fiscal.

Por outro lado, tanto o agricultor quanto o pecuarista precisam adaptar-se à sazonalidade dos setores mais regrados pelo ritmo do ano fiscal, como é o caso dos insumos: “Mas como no final do ano as compras de maquinário também diminuem, não chega a afetar muito”.

Tempo social é relativo

Para o filósofo e doutor em antropologia Bernardo Lewgoy, professor do departamento de Antropologia do IFCH, a afirmação de que no Brasil o ano começa em março não contém verdade ou falsidade. “Depende do que se quer dizer com isso.” Segundo ele, essa noção de letargia se desenvolveu porque o mês de março assinala o final das férias para a maioria das pessoas, com o retorno do veraneio, a passagem do Carnaval e o recomeço das aulas. “Os ciclos de trabalho e férias marcam tempos e espaços distintos na vida das pessoas. O tempo social é relativo.”

Lewgoy critica o determinismo geográfico e cultural existente nessa idéia que já se transformou em senso comum. Ele considera que afirmar que o clima e a geografia determinam a identidade cultural é um velho preconceito parente do racismo, “cujos fundamentos foram criticados pela antropologia cultural, desde pelo menos Franz Boas, no início do século XX.”

O professor destaca que, na visão “tropicalológica”, o Brasil seria um lugar em que o clima tropical associado à influência de povos indígenas e africanos, determina uma certa aversão ao trabalho,



apontada como a razão dos males nacionais. “Considerando-se que o Brasil é um dos países em que mais se trabalha no mundo, o absurdo da conclusão não poderia estar descolado daquelas premissas altamente discutíveis.”

Mas, se por um lado, ele critica as justificativas baseadas num determinismo geográfico e cultural, por outro, admite que no Brasil há uma acentuada valorização do lúdico, do prazer e da sociabilidade, dada a importância de festas como o Carnaval e o São João. A grande ênfase na qualidade afetiva das relações interpessoais do nosso povo acaba por provocar a contraposição do trabalho à malandragem

“com algum elogio a este último”, segundo o professor.

O conceito de trabalho também entra nessa discussão. “Há quem diga que o Brasil não acertou as contas com o seu passado de escravidão e que isto seria uma das razões da persistência de um discurso ideológico que desvaloriza o trabalho manual”, opina Lewgoy. O resultado prático é a fixação de salários muito baixos para as ocupações que demandam menos instrução formal.

Segundo o antropólogo, o outro lado desta mentalidade repousa na intensa fetichização do título universitário, “o chamado bacharelismo”. Até a abolição, muitos dos bacharéis que

absorviam as idéias liberais estavam comprometidos com o sistema escravocrata, gerando uma ambigüidade crônica. “Essa ambivalência foi chamada por Roberto Schwarcz de idéias fora do lugar.” Mas a configuração do mundo do trabalho mudou com a entrada em cena do capitalismo industrial e a disseminação de teorias modernas de administração.

Os conceitos de calendário e tempo em nossa cultura ganham destaque na abordagem de Lewgoy. Para ele, a experiência humana de tempo está marcada por ciclos de oposição e mudança, que regulam a duração das atividades e da própria existência do homem. Cita como exemplo a Idade Média: “A Igreja detinha o controle sobre a marcação e a vivência do tempo, assim como os ritmos da colheita e do plantio, do dia e da noite, das estações etc.”

Ele cita Roberto Freyre: “Nele, o tempo é visto no mundo ibérico como memória, expectativa e intuição. Bem distinto da cosmologia da modernidade na Europa a partir do século XVII, que interioriza a cronologia linear como um dado natural ou transcendental”. Nesse sentido, numa sociedade como a brasileira, de marcada influência ibérica, a oposição pessoal e impessoal é a chave para se entender essas distintas concepções de tempo.

Lewgoy sustenta que a memória aponta para o tempo da relação

entre amigos e familiares e cria um espaço de interação que não tem nada a ver com a lógica do relógio. “Quando marcamos um encontro no fim da tarde, estamos lidando com uma percepção flexível do tempo, que é imediatamente compreendida pela maioria das pessoas.”

Neste contexto, há ainda o que o antropólogo chama de tempo da indústria, que é uma espécie de emblema dos ideais da modernidade capitalista, na qual a ética do trabalho e a organização da produção são os únicos parâmetros de representação do tempo. “A festa, o desperdício, o lazer e a sociabilidade só merecem atenção, na mentalidade industrial, enquanto momentos que permitem a aquisição e consumo de bens e serviços garantidos pela máquina de produção.”

Lewgoy lembra ainda o Carnaval brasileiro como uma contraposição à visão capitalista de tempo. “Para Roberto DaMatta, o carnaval é um ritual que inverte os aspectos sérios do tempo e do espaço de uma sociedade diversa e desigual.” Esta festa popular brasileira cria o seu mundo próprio de práticas dentro de um espaço e de um tempo especiais, nos quais o desregramento é a regra. “O Carnaval marca o início do ciclo mais sério e pesado do ano, do trabalho, dos projetos e de tudo aquilo que preenche o campo semântico da produção em nossa cultura”, conclui o professor.



Vencendo problemas de adaptação

Comportamento Setores da UFRGS procuram resolver dificuldades de quem ingressa

Sônia Torres

O ingresso na UFRGS marca não só a conquista de uma vaga numa das mais importantes universidades públicas do país. É também momento de transição na vida dos jovens, que deixam para trás a adolescência e passam a assumir uma postura mais independente em relação à família. Jovens que antes só se ocupavam em assistir às aulas e preparar-se para as provas, sofrem com a mudança de ambiente e com um novo sistema de estudos, que exige a busca de conhecimentos além da sala de aula.

Maria Célia Pacheco Lassance, professora e psicóloga, faz parte da equipe do Centro de Avaliação Psicológica, Seleção e Orientação Profissional, um projeto de extensão do Instituto de Psicologia, coordenado pela professora Denise Bandeira. O Centro tem um Serviço de Orientação, que atende pessoas que ingressam na universidade e enfrentam problemas de adaptação.

De acordo com a psicóloga, assistir às aulas e aprender as matérias é o mínimo que se espera do estudante universitário. Além disso, ele deve aproveitar as oportunidades de pesquisa, de extensão, bolsas, monitorias e de participação em diversos projetos que a universidade oferece. “É isso que vai fazer com que o estudante desfrute das vantagens de uma universidade pública, gratuita e de qualidade”, acrescenta Maria Célia, para quem os universitários devem aliar autonomia e responsabilidade na condução de sua vida acadêmica.

Ela critica quem diz ter aprendido mais em estágios do que na faculdade. “Se nós tivéssemos que dar no curso universitário toda a base teórica e prática de todas as áreas, os cursos durariam a vida toda, porque a vida do profissional é de aprendizagem constante”, explica.

Mito do abandono – Impera entre os calouros o mito de que na universidade eles serão abandonados. “Isso não é verdade, porque o ensino universitário é organizado e planejado, e está dentro de um contexto de formação”, contesta Maria Célia. Segundo ela, para buscar o que está além, é preciso ter autonomia. Mesmo assim, os professores estão sempre prontos para ajudar, para aconselhar e para conversar.

Na própria Unidade o aluno pode procurar a Comissão de Graduação, que é sempre uma instância para apoiá-lo. Quem tiver problemas pode recorrer ainda ao Serviço de Orientação Profissional. A UFRGS também está discutindo a possibilidade de ampliar essa rede de assistência, fazendo o atendimento ao aluno inadaptado e promovendo pequenas oficinas de confecção de currículo, de apresentação de trabalhos e de organização de estudos para tentar suprir as dificuldades encontradas.

A psicóloga alerta que nossa cultura faz uma ode à adolescência descompromissada, principalmente em relação aos adolescentes de classe média. O resultado é que os adolescentes têm medo de amadurecer, porque o quadro da vida adulta que lhes é apresentado é muito ruim. “Muitas vezes, o jovem precisa de um atendimento especial para que possa vencer o medo criado pela própria cultura”, diz Maria Célia.



O culto à adolescência descompromissada gera o medo de amadurecer

Universidade estuda estratégias

“Boa parte de nossos estudantes vêm de uma estrutura muito menor e ingressam numa comunidade de cerca de 30 mil pessoas. Por isso, desde a matrícula, distribuimos manuais e informativos para orientá-los”, informa o pró-reitor de graduação, professor Carlos Alexandre Netto. Ele também diz que a recepção formal aos alunos é feita nas Unidades pelos diretores, chefes de departamento e professores, já nas primeiras semanas de aula. Mas só isso não basta para quem vem do interior do estado e vive pela primeira vez a experiência de estar longe da família. “Sabemos através de levantamentos preliminares que a maior parte dos problemas de baixo rendimento acadêmico, por dificuldades de adaptação, estão concentra-

dos entre os estudantes oriundos do interior ou de outros estados”, ressalta o pró-reitor para quem o choque de viver numa cidade grande, em que o ritmo é mais acelerado, acaba influenciando no aproveitamento dos alunos.

Uma estratégia para combater o problema está em discussão entre as Pró-reitorias de Graduação e de Recursos Humanos, a Secretaria de Assuntos Estudantis e o Instituto de Psicologia. Carlos Alexandre acrescenta que nem sempre o estudante que está em trancamento de matrícula ou que é reprovado numa disciplina o faz por ter problemas de adaptação ao curso. “Muitas vezes o aluno se afasta temporariamente da universidade porque tem a oportunidade de fazer um curso no exterior

ou mesmo um estágio profissional.”

A UFRGS já atua para sanar problemas como a repetência nas disciplinas de cálculo, ministradas nos cursos das áreas de ciências exatas, com o oferecimento do programa de extensão Pró-cálculo, desenvolvido pelo Departamento de Matemática Pura e Aplicada do Instituto de Matemática. Um dos cursos do programa destina-se aos calouros que precisem cursar alguma disciplina de cálculo em seu primeiro semestre. “Os bons resultados do Pró-cálculo indicam a possibilidade de criação de outros projetos, especialmente naquelas disciplinas em que as turmas muito grandes impedem um atendimento diferenciado a cada aluno”, completa o pró-reitor.

A UFRGS conta com a Clínica Psicológica que presta atendimento aos alunos e à comunidade. O atendimento é feito mediante preenchimento de ficha de inscrição, que pode ser feito das 8h às 22h, na Av. Protásio Alves, 297, ou pelo telefone (51) 3316-5453.

Assistência estudantil – Ângelo Ronaldo Pereira da Silva, 48 anos, titular da Secretaria de Assuntos Estudantis (Sae), garante que o contato com os estudantes da universidade se dá desde o ingresso até a saída, por meio do Programa de Benefícios para aqueles estudantes

de baixa renda, que querem de alguma maneira melhorar sua situação financeira para se manter no curso. O Programa de Benefícios da Sae abrange o auxílio-alimentação, que oferece preços subsidiados para os restaurantes, as bolsas, as casas de estudantes e as colônias de férias. A cota é de 400 bolsas para estudantes já a partir do primeiro semestre letivo, no valor de R\$ 180 reais. São mais de 500 convênios com empresas, em um serviço de integração, aproveitando a busca das empresas por alunos da Universidade, com a possibilidade de contratação.

Os cerca de três mil alunos engajados no programa o procuraram por iniciativa própria por entenderem que podem estudar e desenvolver a vida profissional simultaneamente, sem baixar o desempenho.

De 15 de março a 28 de abril haverá inscrições para o Programa de Benefícios e também para o programa de bolsas. Os interessados deverão agendar entrevista através do Portal do Aluno, clicando no *link* Assistência Estudantil - Programa de Benefícios. Mais informações podem ser obtidas junto à Secretaria de Assuntos Estudantis pelo telefone 3316-3076.

Pergunte ao professor

O que é e como contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS?

O Comitê de Ética em Pesquisa (Cep) da UFRGS foi criado em março de 1997 e está credenciado junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) do Ministério da Saúde. O Comitê é um órgão colegiado da Pró-reitoria Acadêmica da Universidade e vinculado operacionalmente à Pró-reitoria de Pesquisa (Propesq), com uma estrutura adequada às Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde.

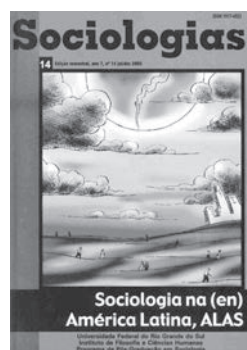
O Cep atua em conjunto com as Comissões de Pesquisa das diferentes Unidades da UFRGS na tarefa de avaliar as questões éticas e metodológicas dos projetos de pesquisa em seres humanos realizados no âmbito da Universidade. Os projetos realizados em modelos animais também podem ser avaliados pelo Comitê. A sua composição é multiprofissional, contando com pesquisadores de diferentes áreas de conhecimentos, além de representantes da comunidade, indicados pelo Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre.

Os pesquisadores que desejarem ou necessitarem avaliar seus projetos pelo Cep deverão fazer este encaminhamento diretamente a Propesq, após terem obtido a aprovação dos mesmos junto a sua Unidade, através do colegiado responsável pela avaliação local dos mesmos. O Cep, no cumprimento de seu papel regulador, tem sempre buscado atuar de forma educativa, sugerindo modificações que possam adequar os projetos às exigências legais ou aprimorar algum aspecto ético-metodológico. Todas as sugestões ou recomendações constam dos pareceres que são encaminhados aos pesquisadores após avaliação na sua reunião mensal.

José Roberto Goldim
Biólogo, professor do PPG em Ciências Gastroenterológicas da Faculdade de Medicina e membro do Cep/UFRGS

Vitrine dos periódicos

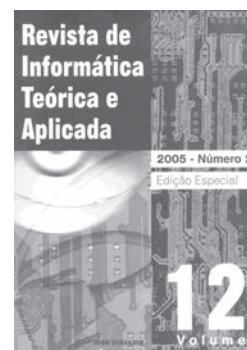
As publicações aqui divulgadas podem ser adquiridas nas Livrarias da UFRGS



Sociologias
Nº 14 – julho/dezembro 2005 – Ano 7

Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologia do IFCH
Editores: José Vicente Tavares dos Santos e Máira Baumgarten
R\$ 16 (já com o desconto de 20%)

Este número, dedicado aos participantes do XXV Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (Alas), apresenta o dossiê *Sociologia na (en) América Latina* reunindo 13 textos que recuperam a história da Alas e alguns dos caminhos da própria sociologia produzida na América Latina. São abordados ainda os processos de integração multinacional e caribenha e as relações entre Brasil e outros países do continente sul americano; as heranças e os desafios do conhecimento e a contribuição da sociologia na América Latina à imaginação sociológica; e o desenvolvimento da sociologia em países como Cuba, Guatemala, Peru e Brasil. Traz ainda um texto sobre a influência de Donald Pierson na pesquisa urbana no Brasil, duas homenagens ao professor Octávio Ianni e uma resenha sobre o livro *Pour comprendre le monde d'aujourd'hui*, de Alain Touraine.



Rita - Revista de informática teórica e aplicada
Volume 12 – Nº 2 – Outubro 2005

Revista semestral do Instituto de Informática
Editores: José Palazzo M. de Oliveira e Luis C. Lamb
R\$ 16 (já com o desconto de 20%)

Edição especial voltada à computação gráfica e ao processamento de imagens que apresenta quatro artigos escritos especialmente para serem apresentados no XVIII Simpósio Brasileiro de Computação Gráfica e Processamento de Imagens (Sibgrapi). O primeiro texto é dedicado à visualização volumétrica de grandes malhas não-estruturadas. O segundo, apresenta três projetos na área de visão artificial; o terceiro, analisa os problemas inerentes à captura de movimento, ou seja, ao processo de gravação de movimento ao vivo de um corpo como seqüências de coordenadas no espaço 3-D. O último, também voltado à realidade virtual, aborda a criação de cenários e a visualização tridimensional para o desenvolvimento de cenários interativos utilizando software livre.



UFRGS homenageia premiados em 2005

Reconhecimento *Solenidade no Salão de Festas terá entrega de diplomas a alunos, professores e técnicos*

Ânia Chala

No próximo dia 30, os integrantes da comunidade da UFRGS que receberam reconhecimento externo no ano passado serão recebidos pela Administração Central durante um evento denominado *Reconhecimento aos premiados*. A atividade será realizada no Salão de Festas do prédio da Reitoria, às 17h30min, com a

presença do reitor José Carlos Ferraz Hennemann, que entregará um diploma a cada um dos homenageados como forma de agradecimento da Universidade pela projeção alcançada por nossa instituição graças ao trabalho e à dedicação desses professores, estudantes e técnicos.

O professor Hennemann ressaltou que "ao homenagearmos os premiados externos de 2005, estamos

também prestando nossa homenagem a todos aqueles que ajudaram a construir nossa Universidade e que, ao longo da história, vêm realizando atividades de extrema relevância para o desenvolvimento de nossa sociedade".

Outro motivo para a realização da solenidade foi o grande número de distinções obtidas, que garantiram maior visibilidade

aos projetos desenvolvidos dentro da universidade.

Para o professor Pedro Cezar Dutra Fonseca, vice-reitor e pró-reitor de Coordenação Acadêmica, "o significativo número de premiados nas mais diferentes áreas do conhecimento demonstra a qualidade de nossa Universidade". O professor argumenta que "o reconhecimento externo das atividades

acadêmicas da UFRGS reflete a interação entre o ensino de graduação e pós-graduação, da pesquisa e da extensão, que se reforçam mutuamente e se complementam, permitindo níveis de qualidade cada vez maiores".



A lista completa dos premiados

1. Adrian Gomes, Bárbara S. Laguna, Fadna C. da Silva, Jordana S. Laguna, Luana M. F. da Silva, Morgana M. Conceição, Nicole M. Wilhelm, Stefany C. da Silva, Vittoria C. Sampaio, do Núcleo de Esportes de Base da Esef - 1º lugar por equipe no Campeonato Estadual Pré-infantil de Ginástica Olímpica;
2. Alexandre G. Buaes, aluno da Escola de Engenharia - Prêmio Santander Banespa de Empreendedorismo, categoria Tecnologia.
3. Ana Cristina Vidor e Mary Jane L. de Oliveira, alunas da Faculdade de Medicina - Menção Honrosa do Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS.
4. Bernardo F. Nunes, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas - 2º lugar no XIX Prêmio Corecon/RS de Monografias.
5. Bianca S. Pilla, aluna da Escola de Administração - Prêmio do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância - PAPED - SEED/CAPEs.
6. Carla Dal Sasso Freitas, Luciana P. Nedel, Manuel M. de Oliveira Neto e Rafael Huff, professores e aluno do Instituto de Informática - 3º lugar na Mostra de Vídeos do SIBGRAPI 2005, na categoria Técnica.
7. Carla W. Scheeren, Gledison S. da Fonseca e Marcos A. Gelesky, alunos do Instituto de Química - 1º lugar do Prêmio Petrobras de Tecnologia na categoria "Refino e petroquímica".
8. Carlos Alexandre Peralta, Edilson Valmir Benvenuti, Ione M. Baibich e Júlia Maria D. Cônsul, professores e alunos do Instituto de Química - Prêmio de Melhor Trabalho da 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química.
9. Carlos Augusto Dietrich, Luciana P. Nedel e Silvia D. Olabarriga, aluna e professoras do Instituto de Informática - 2º lugar na Mostra de Vídeos do SIBGRAPI 2005, na categoria Técnica.
10. Catarina L. Domenici, professora do Instituto de Artes, pela Menção Honrosa Especial do Prêmio Açorianos.
11. Centro de Ecologia do Instituto de Biociências - 13º Prêmio Expressão de Ecologia, na categoria Tecnologia de Controle Ambiental.
12. Clarissa Vyvian Tams, Luís Augusto P. Maffini e Roger R. Cruz, alunos da Fabico - 1º lugar na 18ª edição do SET Universitário, na categoria Relatórios de Administração.
13. Claudia C. Marques & S.B. Amato - Menção Honrosa no XIX Congresso Brasileiro de Parasitologia.
14. Cynthia Isabel R. V. Ponte, professora da Faculdade de Farmácia - Prêmio Responsabilidade das Águas da CORSAN, na II Mostra de Trabalhos Técnicos, Científicos e Comunitários da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba.
15. Daiane B. Menezes, aluna da Fabico, pelo Prêmio de Iniciação Científica na área de Ficção Seriada.
16. David Driemeier, professor da Faculdade de Veterinária - Prêmio "O futuro da terra", na categoria Tecnologia Rural.

17. David Emílio S. Neves de Barcellos, professor da Faculdade de Veterinária - Prêmio "O futuro da terra", na categoria Novas Alternativas.
18. Dênis Roberto da S. Petuco, Edison Capp, Jorge Alberto Buchabqui, aluno do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e professores da Faculdade de Medicina - 1º lugar do prêmio Associação Brasileira de Educação Médica/2005.
19. Diones Rodrigo R. Camargo, aluno do Instituto de Artes - 2º lugar no Prêmio Funarte de Dramaturgia de 2005, Região Sul, categoria Teatro Adulto.
20. Édson André Moura, Ezequiel Giacomolli, Paulo Roberto Trenhago, Rafael S. Lopes, William Persch, alunos da Escola de Administração, Faculdade de Ciências Econômicas, Instituto de Biociências e Escola de Engenharia - 1º lugar em equipe do Desafio Sebrae 2005 no RS.
21. Eduardo U. Bueno, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas - 1º Lugar no Concurso Nacional de Monografias "O francês e a diferença".
22. Elisa R. Piedras, aluna da Fabico - Prêmio de Melhor Dissertação de Mestrado em Publicidade e Propaganda.
23. Érico T. Ramos e Karine U. Krug, alunos da Fabico - Prêmio de Melhor Ficção Gaúcho no XIII Gramado Cinevídeo.
24. Eudes A. Missio, professor aposentado - Título de Ex-aluno destaque 2005, Artilharia/1955 - CPOR.
25. Eurico Trindade de Andrade Neves, professor aposentado - Prêmio Expressão Cidadania da UNIRITTER.
26. Felipe G. Maciel, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas - 3º lugar no I Concurso de Monografias e Redações da Controladoria-geral da União.
27. Felipe H. Levin, Fernando G. da Rocha e Julian Z. Rostirolla, alunos do Instituto de Informática - 3º lugar e Prêmio Único - Escolha Popular, na Mostra de Vídeos do SIBGRAPI 2005, na categoria criação.
28. Felipe N. de Souza, aluno da Escola de Engenharia - Prêmio Destaque Acadêmico da 20ª edição do Prêmio Engenheiro do Ano.
29. Fernando Cláudio Zawislak, professor colaborador do Instituto de Física - Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, oferecida pelo Governo Federal.
30. Flávia B. Manssour, aluna da Fabico - 2º lugar no Concurso Universitário de Monografias e Projetos Experimentais em Relações Públicas.
31. Flávia B. Nardon, aluna da Fabico - Prêmio de Melhor Monografia em Publicidade e Propaganda.
32. Flávio V. Comim, professor da Faculdade de Ciências Econômicas - XII Prêmio Brasil de Economia do Conselho Federal de Economia, na categoria Monografia.
33. Francine Bica, aluna do Instituto de Informática - Prêmio do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância - PAPED - SEED/CAPEs.
34. Francisco Mauro Salzano, professor colaborador do Instituto de Biociências - Homenagem recebida da Associação Brasileira de Antropologia, por sua importante contribuição para a antropologia brasileira.
35. Guacira L. Louro, professora da Faculdade

- de Educação - Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos na categoria Estudos Acadêmicos.
36. Guilherme V. Caputo, Ilana H. Kersz, João Luiz E. Gomes, Ricardo C. da Silva, alunos e professor da Faculdade de Medicina - Prêmio Anual Professor Luiz de Resende Puech/2005.
37. Gustavo Neuberger e Renato F. Hentschke, alunos do Instituto de Informática - 2º lugar no IEEE/ACM CADAthlon, com a Equipe ChurrasCADA.
38. Helen Beatriz F. Rozados, professora da Fabico - Prêmio de Melhor Tese de Doutorado em Ciência da Informação.
39. Hugo Leonardo R. Alves, aluno da Escola de Engenharia - Prêmio de Melhor Trabalho Científico nas XIII Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM.
40. Ilza Maria T. Girardi, professora da Fabico - Prêmio Henrique Luiz Roessler, na categoria Personalidade, pela contribuição especial à defesa do meio ambiente.
41. Irajá Damiani Pinto, professor colaborador do Instituto de Geociências - Título de Pesquisador Emérito do CNPq.
42. Isabela Heineck e Maria Beatriz C. Ferreira, professoras da Faculdade de Farmácia e do Instituto de Ciências Básicas da Saúde - 1º lugar do I Prêmio SBRAF-SANOFI/AVENTIS, na categoria acadêmico: Mestrado.
43. Isadora D. Busetti, aluna da Faculdade de Ciências Econômicas - Menção Honrosa no XIX Prêmio Corecon/RS de Monografias.
44. Jairton Dupont, professor do Instituto de Química - Medalha Simão Mathias da Sociedade Brasileira de Química; eleição para membro da Academia Brasileira de Ciência e Young Research Award *Friderich Wilhelm Bessel* - Fundação Humboldt/Alemanha.
45. Jaqueline Dornfeld, aluna da Fabico - dois prêmios na 18ª edição do SET Universitário.
46. Jefferson C. Simões, professor do Instituto de Geociências, Núcleo de Pesquisa Antártica - Prêmio Destaque Científico da UNITV.
47. Jéssica da S. Prestes, participante do Projeto Bugre Lucena da Esef - Títulos de Campeã Estadual e Campeã Cidadã de Judô, na Classe Pré-Juvenil.
48. José Cláudio Del Pino, professor do Instituto de Química - Prêmio do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância - PAPED - SEED/CAPEs, na elaboração de material didático pedagógico.
49. José Luiz R. Rodrigues, professor da Faculdade de Veterinária - Diploma de Colaborador Emérito do Exército.
50. Juliane V. Aramburú, aluna da Escola de Administração - Prêmio Top Ser Humano 2005 da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH), na categoria estudante.
51. Julio César Claeysen, professor do Instituto de Matemática - Título de

- Professor Honorário da Universidade Federal de Trujillo.
52. Karla Maria Muller, professora da Fabico - Prêmio de "Relações Públicas que fazem e acontecem", na categoria Acadêmica.
53. Laura B. Jardim, Leonardo M. Vedolin, Maria Raymundo, Maria Verônica M. Rojas, Roberto Giugliani, Ronaldo Costa, Simone Canani, Taiane A. Vieira, professores e alunos do Instituto de Biociências - Prêmio de Melhor Trabalho de Pesquisa Clínica no X Simpósio Latino-americano de Doenças Lisossômicas de Depósito.
54. Lúcio G. de Carli, aluno da Escola de Administração - Prêmio de Melhor Trabalho Científico nas XIII Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM.
55. Luís Alberto Basso e Márcia dos Santos R. Berreta, professor e aluna do Instituto de Geociências - Prêmio Cidadania das Águas do DMAE, na II Mostra de Trabalhos Técnicos, Científicos e Comunitários da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba.
56. Luís Felipe M. do Nascimento, professor da Escola de Administração - Prêmio da *World Resources Institute* e do *The Aspen Institute* por sua atuação em respeito ao meio ambiente.
57. Marcelo S. Lubaszewski, professor da Escola de Engenharia - Prêmio IEEE *Computer society meritorious service award (Institute for Electrical and Electronic Engineers)*.
58. Marcos A. Pfeifer, aluno da Fabico - Medalha Jayme Caetano Braun do Mérito Gaúcho, na categoria Rádio.
59. Maria Inês M. Jobim, Ricardo M. Gregory e Rodrigo C. Mattos, professores da Faculdade de Veterinária - 1º lugar do Prêmio do 4th *International Symposium on Stallion Reproduction*.
60. Marianne Z. Stampe, aluna da Faculdade de Ciências Econômicas - 1º lugar no XIX Prêmio Corecon/RS de Monografias.
61. Márcio D. Lima, aluno da Escola de Engenharia - 1º lugar do Prêmio Petrobras de Tecnologia, na Categoria Tecnologia do Gás.
62. Miguel A. Sattler, professor da Escola de Engenharia - Prêmio de Ciência e Tecnologia Mário Schemberg da Câmara Municipal de Porto Alegre.
63. Milton Luiz Laquintinie Formoso, professor colaborador do Instituto de Geociências - Título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Poitiers/França; Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico do Governo Federal e Prêmio do Mérito Científico da Sociedade Brasileira de Geoquímica.
64. Neide Aparecida da S. Beraldo, aluna da Faculdade de Ciências Econômicas - Prêmio ABA/MDA: Territórios Quilombolas, na categoria Apoio à Pesquisa.
65. Patrícia Brandalise S. Bassani, aluna do Centro de Estudos Interdisciplinares de Novas Tecnologias da Educação - Prêmio do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância - PAPED - SEED/CAPEs.
66. Patrícia Helena L. Pranke, professora da Faculdade de Farmácia - 1º Prêmio FADERS de Responsabilidade Social, por sua participação ativa junto ao Senado Federal e Câmara dos Deputados na elaboração da Lei de Biossegurança.
67. Reinaldo S. Gonçalves e Thuanny F. Machado, professor e aluna do Instituto de Química - Prêmio de Melhor Trabalho da Área de Físico-química no XIII Encontro de Química

- da Região Sul.
68. Rui Paulo D. Muniz, Técnico Administrativo - 1º Prêmio no XIV Seminário de Manutenção.
69. Sérgio Augusto P. de Borja, professor da Faculdade de Direito - Comenda Osvaldo Vergara da OAB/RS.
70. Sérgio R. Silva, professor do Instituto de Artes - Prêmio RGE.
71. Silvana V. Goellner, professora da Esef - Título de Mulher Cidadã na Área de Educação.
72. Sílvio Luiz S. Cunha, professor do Instituto de Física - Prêmio do Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância - PAPED - SEED/CAPEs.
73. Simone M. de Castro, professora da Faculdade de Farmácia - Prêmio de "Trabalho Destaque" na categoria Bolsas Institucionais da IV Semana de Iniciação Científica da FFCMPA.
74. Tatiana Louise de Campos Rocha, aluna do Instituto de Química - Prêmio Santander Banespa de Ciência e Inovação, categoria Indústria.
75. Tuiscon Dick, professor aposentado - Medalha do Mérito da República Federal da Alemanha pelo trabalho desenvolvido na área de intercâmbios entre o Brasil e a Alemanha.
76. Valter Lúcio de Oliveira, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas - Prêmio Sober de melhor dissertação de mestrado em Sociologia Rural.
77. Valter Stefani, professor do Instituto de Química - Troféu Minerva, categoria Destaque Acadêmico.
78. Vanessa de Paula Braganholo, aluna do Instituto de Informática - 1º lugar no XVIII Concurso de Teses e Dissertações da Sociedade Brasileira de Computação, categoria Doutorado.
79. Vivian da Silva Celestino, aluna do Instituto de Pesquisas Hidráulicas - Prêmio de Melhor Trabalho Científico nas XIII Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM.
80. Volnei da Conceição Picolotto, aluno da Faculdade de Ciências Econômicas - 2º lugar do XII Prêmio Brasil de Economia, na categoria Monografia.
81. Wellington da Silveira, participante do Projeto Bugre Lucena de Euf - Título de Campeão Estadual de Judô, na Classe Juvenil.

Universidade e empresas consolidam nova parceria para trocar experiências

Inovação UFRGS amplia relações com setor empresarial integrando o Conselho de Inovação Tecnológica da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul

Jacira Cabral da Silveira

Nos últimos anos, e mais recentemente com a sanção da Lei de Inovação Tecnológica, em dezembro de 2004, diferentes setores da sociedade brasileira têm-se ocupado com a discussão de ações efetivas para que o Brasil possa inserir-se no Sistema de Inovação em nível mundial.

Segundo o diretor dos *American Institutes for Research para o Brasil*, Simon Schwartzman, em texto publicado na Revista Brasileira de Inovação de julho/dezembro de 2002: "A suposição é que, nos países mais desenvolvidos, a integração entre as instituições científicas e tecnológicas e o sistema produtivo se dá de forma muito mais completa e natural do que nos países em desenvolvimento, nos quais o setor científico e tecnológico tenderia a ficar mais isolado".

Paradoxal ou não, é justamente esse isolamento que tem servido de elemento aglutinador na questão da inovação tecnológica no Brasil. "As relações entre a universidade e o setor empresarial já existem, mas são ainda localizadas e institucionalizadas", observa José Carlos Ferraz Hennemann, reitor da UFRGS, ressaltando que esta situação está prestes a mudar. Isso porque, em janeiro deste ano, durante reunião na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, ele e outros reitores foram convidados a integrar o Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs. "É uma oportunidade que vem ao encontro do projeto da UFRGS de inserção social. Também é uma via de mão dupla, na qual de um lado a universidade aprende e, de outro, a empresa recebe o que aqui dentro é produzido", garante o reitor.

Considerando que o sistema de inovação de um país tem como atores o governo, as instituições geradoras de conhecimento e as empresas, o presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Odilon Antônio Marcuzzo, que também esteve na UFRGS no início deste ano, afirmou que a dinâmica de funcionamento e a sinergia destes agentes é que darão as condições para o desenvolvimento sustentável da nação. "No Brasil, estamos buscando a solidificação desse siste-

ma. Em primeiro lugar, fortalecendo esses atores e, em segundo, criando um quadro normativo legal mais amigável para a promoção dos projetos científicos e tecnológicos, portanto, mais amigável para a inovação no país", afirmou Marcuzzo.

Em entrevista para o Jornal da Universidade, o presidente do Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs, o empresário Ricardo Felizzola, ressaltou a importância estratégica dos atores mencionados por Marcuzzo para o desenvolvimento de estado e do país: "É parte de uma ação pedagógica do Conselho junto às organizações para que elas aprendam a buscar fora de si os complementos para terem sucesso com os seus processos. Porque hoje ninguém mais trabalha sozinho".

Conselho de inovação – Segundo Felizzola, o processo de desenvolvimento tecnológico no setor empresarial gaúcho vem ocorrendo mais acentuadamente ao longo dos últimos anos. Cita como exemplo as empresas de eletroeletrônica, voltadas para produtos de informática ou derivados da arquitetura de computadores: "Em nível internacional, elas já atingiram patamar de médio porte".

Ex-professor do Instituto de Informática da UFRGS, onde lecionou na graduação e pós-graduação por dez anos, Felizzola atesta que no meio acadêmico esse processo começou há mais tempo: "As universidades foram pioneiras nesse movimento todo". Ele recorda o fato da UFRGS ter sido pioneira na utilização do primeiro computador no estado. Para o dirigente, este pioneirismo foi possível porque é no ambiente universitário que se desenvolve ciência e tecnologia.

Ao comentar a aproximação entre empresas e universidades, via Conselho, o empresário diz que será possível contabilizar problemas e apurar soluções, promovendo assim um pensamento estratégico nas entidades. Se, por um lado, reconhece que o número de empresas engajadas em inovação repre-

senta uma amostragem muito pequena comparada ao universo das empresas gaúchas, por outro, enfatiza que as empresas de ponta deste processo têm energia suficiente para dar suporte à implantação do Conselho.

Ele diz que se esta situação ainda não é diferente, isso se deve ao comportamento mais convencional de alguns empresários, que se sentem ameaçados pela crueza do mercado e acabam indecisos quanto aos investimentos em inovação. E critica esta atitude, pois inovação pode ser simplesmente uma ação diferente em relação ao seu próprio mercado. Foi o caso do dono da empresa Gol de aviação, que antes trabalhava com ônibus de passageiros e viu seu negócio ameaçado pela massificação do transporte aéreo. Resolveu então arriscar e inovar, entrando para o mercado que o ameaçava. "Hoje a Gol é uma empresa com quase 30% do mercado de trans-

porte aéreo de passageiros e que tem sucesso na bolsa. Foi uma atitude de inovação do empresário," ressalta Felizzola.

Instituições paquidérmicas – Mas a resistência não se dá apenas de um dos lados do sistema de inovação nacional, de acordo com a avaliação

do presidente do Conselho. "À medida que as entidades crescem, tornam-se pesadas, meio paquidérmicas, obstruindo a comunicação tanto interna como externa." Estas estruturas têm dificuldade de responder à agilidade inerente ao meio e à inovação tecnológica. "Por isso, comunicação e agilidade são aspectos que precisam mais atenção", adverte.

Nesse sentido, Felizzola, avalia como enriquecedora a possibilidade do professor viver um pouco fora dos "muros da universidade". No entender dele, as relações de mercado são muito mais estressantes do que as relações acadêmicas, daí seu valor pedagógico. Desta forma, acredita que, quanto antes as universidades implantarem suas regulamentações para a lei de Inovação, mais rápido vai ocorrer a aproximação efetiva en-

"A universidade é um repositório de saber, mas é necessário buscar ambientes novos"



tre as partes envolvidas no processo. Através deste mecanismo, professores poderão trabalhar dentro do ambiente industrial retornando ao meio acadêmico com uma nova experiência na bagagem.

"A universidade é um repositório de saber, mas para saber é necessário buscar ambientes novos. Acho que um professor hoje tem que conhecer a realidade do extra-muros," defende o empresário.

Segundo ele, no Brasil as universidades públicas ou privadas apresentam um problema conceitual. Elas não se deram conta de que, uma vez fundadas pela sociedade e colocadas para fazer o seu papel, elas foram perdendo sua interação com a sociedade. "Esse é um ponto complexo, de cunho filosófico e estratégico. Mas vejo a lei de inovação como uma grande oportunidade." Muitas vezes, o que ocorre é que o professor brasileiro viaja para o exterior para atuar em outras universidades que, por sua vez, trabalham para empresas estrangeiras. E estas acabam vendendo para os brasileiros o conhecimento de seus pesquisadores que trabalham no exterior.

"Isto ocorre porque o papel da indústria e da universidade como comunidade não está complementado, já que não estão em contato direto." Felizzola assinala que do lado da indústria há o conceito de que não existe um saber na universidade, mas isso não é verdade.

Balcão de inovação – Dentro da ótica do dirigente da Fiergs, há no Brasil uma dissociação entre a capacidade científica e a capacidade de gerar riqueza com esta ciência. Para enfrentar tal desafio, o Conselho vai criar o balcão de inovação. "Será um sistema de informação para que o empresário traga seus problemas e encontre soluções. Para isso, vamos capturar o que os pesquisadores estão fazendo em seus laboratórios."

Felizzola reafirma a deficiência generalizada dos mecanismos de divulgação tanto das instituições de ensino superior como do setor industrial. Segundo ele, os seminários e *workshops* que geralmente são realizados dentro do ambiente acadêmico são freqüentados por universitários: "No máximo, o professor apresenta o que fez para outros professores, que no próximo ano vão mostrar o que aprenderam com ele no ano anterior.

"Na indústria acontece a mesma coisa", observa o empresário. Felizzola diz que o Senai, assim como a universidade, não sabe divulgar o que está fazendo. Exemplo disso é a falta de acesso da indústria às informações sobre as numerosas olimpíadas mundiais, das quais os alunos do Senai participam.

"Falta articulação", conclui Felizzola. Tanto a Indústria quanto a Universidade realizam seus eventos, mas não se convidam entre si. E, quando isto ocorre, não há interesse porque ninguém entende direito para o que estão sendo convidados.

DIVULGAÇÃO/DELL

Empresas de ponta, como a fabricante de computadores Dell, podem dar suporte à implantação do Conselho de Inovação Tecnológica





Para o empresário Ricardo Felizzola, o professor tem de conhecer a realidade do extra-muros

Universidade deve preservar seu foco

Junto com as demais instituições federais de ensino superior, a UFRGS é responsável por 90% da pesquisa realizada no Brasil. Se no *ranking* mundial de desenvolvimento o Brasil fica abaixo de nações como a Coreia do Sul em número de patentes, a desvantagem desaparece quando o item computado é a produção intelectual dos pesquisadores (*papers*). “No Brasil, a absoluta maioria do conhecimento científico novo é gerado nas universidades”, afirma a pró-reitora de Pós-graduação da UFRGS, Valquíria Linck Bassani.

Embora veja com otimismo a criação do Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs, para a pró-reitora a universidade não pode perder o foco de sua missão: ensinar a pesquisar. Por outro lado, segundo ela, as instituições de ensino superior não podem deixar de colaborar no processo de inovação, uma vez que são elas as promotoras de conhecimento, sem a qual não há inovação.

No entanto, Valquíria comenta que, em longo prazo, a implantação de um sólido sistema de pesquisa nas empresas poderá mudar essa realidade, passando estas também a serem geradoras de conhecimento e, portanto, adquirindo autonomia. “Mesmo nesta nova situação, a capacitação de pessoal para a pesquisa pela Universidade continuará imprescindível.”

Com a implantação da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, a UFRGS passou a oferecer aos pesquisadores apoio

logístico para o registro de patentes e a transferência tecnológica para o setor não acadêmico. “A Fiergs certamente terá um papel de catalisadora da transferência tecnológica para o setor não acadêmico.”

Valquíria adverte, entretanto, que as relações e parcerias que se estabelecerem devem ser institucionais e não individuais. Nesta aproximação, a pró-reitora percebe como benéfico para a universidade o enriquecimento da formação de estudantes por meio de estágios em empresas, ou em melhoria na infra-estrutura da Universidade.

“A importância da parceria assumir caráter institucional está justamente no fato de que nem todas as áreas do conhecimento apresentam o mesmo potencial de estabelecer essas parcerias. A política da Universidade é que deve definir como estender os benefícios alcançados pela transferência tecnológica para todas as áreas.”

Incubadoras – A UFRGS mantém 31 incubadoras e nove parques tecnológicos em funcionamento, além das incubadoras de base tradicional, que desenvolvem trabalhos nas áreas de biotecnologia, informática, alimentos, medicamentos, ecologia, engenharia e física. A partir deste ano, a Universidade passa a sediar a Rede Gaúcha de Incubadoras de Empresas, tendo na presidência Ana Flávia Mendicelli, coordenadora da Rede de Incubadoras Tecnológicas da UFRGS.

Finep presta contas

No dia 14 de janeiro, esteve na UFRGS para prestação de contas o presidente da Finep, o gaúcho Odilon Antônio Marcuzzo. Durante a palestra, ele disse que a meta orçamentária para 2006 é de cerca de R\$ 2 bilhões e 740 milhões, o que demonstra “substancial crescimento nos últimos dois anos”.

Este impulso do setor passou de R\$ 320 milhões em 2002 para R\$ 800 milhões em recursos em 2005, destinados a projetos não reembolsáveis, beneficiando universidades e institutos científicos e tecnológicos de pesquisa e desenvolvimento. Ainda em 2005, foram aplicados 310 milhões em projetos reembolsáveis, que são investimentos junto às empresas.

Depois de sua apresentação, Marcuzzo respondeu a algumas questões levantadas pelos presentes. O professor Abílio Baeta Neves perguntou se haveria realmente financiamento de pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais e não simplesmente em projetos aplicados. O presidente da Finep respondeu que o Brasil criou o mecanismo dos fundos setoriais só que a área social ficou órfã, uma vez que os

bancos não foram convencidos a criar um fundo que seria o maior de todos. “Neste ano vamos abrir na Finep uma linha especial de financiamento para projetos sociais. Embora ainda tímida, nosso objetivo é criar uma janela para pressionar politicamente os setores do governo, os bancos e congressistas”, informou.

O secretário de Educação a Distância da UFRGS, Júlio Alberto Nitzke, quis saber se a Finep pretende destinar recursos para atingir a meta definida pelo MEC no programa dos editais pró-licenciaturas, para a formação de professores leigos. Marcuzzo ressaltou que na área de tecnologia social já existem alguns projetos em ensino a distância. “No edital Ciência para Todos/2005 o objetivo já era a valorização da ciência e a qualificação do ensino. Evidente que educação a distância é uma ferramenta única para as condições brasileiras. Afinal de contas, se quisermos avançar no nível de estudantes de terceiro grau, a educação a distância deve ser considerada por ser a única alternativa para um grande número de estudantes nas universidades”, informou ele.

Professores opinam sobre aproximação com empresas

A Lei de Inovação Tecnológica está organizada em torno de três eixos: a constituição de ambiente propício a parcerias estratégicas entre as universidades, institutos tecnológicos e empresas; o estímulo à participação de instituições de ciência e tecnologia no processo de inovação; e o incentivo à inovação na empresa. O Jornal da Universidade promoveu uma enquete com professores ligados a diferentes áreas de conhecimento para que eles avaliassem a aproximação da universidade com o setor empresarial.



Adriano Brandelli, diretor do ICTA – A questão da inovação tecnológica sempre permeou o ambiente da Universidade. Mesmo que predominantemente em algumas áreas, as pesquisas aplicadas vêm sendo desenvol-

vidas há muito tempo nas Universidades. É plausível que alguns anseios tecnológicos do setor privado já estejam sendo desenvolvidos ou até disponíveis, porém falta aprimorar a divulgação, através de ações efetivas de comunicação entre a Universidade e o Setor Privado. A aproximação com o Setor Privado pode trazer um importante diferencial para a formação acadêmica, pois através da experiência e convivência com outras realidades poderemos ampliar a qualificação do ensino. Finalmente, é importante aprimorar canais de comunicação entre as partes e estabelecer parcerias efetivas, que busquem o avanço do país através da inovação tecnológica.

Lorena Holzmann, professora do Departamento de Sociologia – Quando a empresa inova, adotando tecnologias de origem externa, sua vinculação com a universidade no país pode ser, e em geral é, irrelevante. A consequência, para o conjunto da sociedade é a precária ou inexistente autodeterminação nas decisões sobre desenvolvimento econômico e nas políticas públicas, já que aquelas decisões estão subordinadas a interesses externos de difusão e comercialização de tecnologia. No mundo moderno, tecnologia é poder, o que remete ao entendimento da importância decisiva de investir no desenvolvimento científico para superar a dependência tecnológica. No Brasil, a ação articulada entre universidade e empresa pode ser um importante ponto de partida para a superação dessa dependência, que nos faz vulneráveis a ingerências e intervenções contrárias aos interesses nacionais. No entanto, a autonomia da universidade na definição de sua política de investigação deve ser assegurada, preservando-se a instituição do condicionamento aos fins utilitaristas inerentes à empresa capitalista.

Telmo Roberto Strohaecker, professor do Departamento de Metalurgia – A



aproximação universidade-empresa é uma realidade. Há 15 anos, a Fapergs inovou ao lançar vários editais incentivando este tipo de cooperação. Mesmo não havendo a continuidade desses editais

regionais a comunicação foi estabelecida. Em nossa linha de atuação não podemos conceber a ação da universidade divorciada da sociedade. A cooperação universidade-empresa ajuda a explicar a qualidade dos laboratórios e o nível dos alunos da UFRGS. Nessa relação ganham todos: as empresas ao terem apoio de laboratórios de ponta, a universidade ao ser confrontada com desafios e os alunos pelas oportunidades criadas. A inovação tecnológica só pode ser alcançada com um trabalho cooperativo e é

fundamental para beneficiar a sociedade. Se uma universidade federal, com todo capital humano, organização e facilidades de acesso à informação não conseguir ajudar o setor empresarial, quem conseguiria?

Maira Baumgarten, professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia – A aproximação pode levar a parcerias que possibilitem melhorar a capacidade brasileira para absorver e aperfeiçoar tecnologias, desenvolver sistemas produtivos locais e de inovação tecnológica e social. Contudo, essa aproximação tem encontrado diversos entraves no Brasil, tanto pela escolha histórica do setor produtivo em não financiar atividades de pesquisa e desenvolvimento, importando tecnologias - o que levou a uma certa incapacidade da indústria brasileira em produzir inovação -, quanto pela (também histórica) posição autonomista e centrada em uma certa mitificação da ideia de excelência, por parte de importante parcela da coletividade científica acadêmica. Como resultado, hoje falta mediação entre a pesquisa de corte acadêmico e as empresas, o que entrava a construção de demandas das empresas para a universidade.

Paulo Mayorga, diretor da Faculdade de Farmácia – A inovação é ponto crucial para a sobrevivência e competitividade das empresas, fato que tem modificado a dinâmica de investimento no campo da Ciência e Tecnologia. Outros elementos importantes são a Lei da Inovação e a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, que buscam o aumento da eficiência da estrutura produtiva, da capacidade de inovação das empresas brasileiras e das exportações. O alcance desse objetivo está diretamente relacionado à interação universidade-empresa, para a formação de recursos humanos e a capacitação tecnológica. Nesse sentido, a UFRGS é um verdadeiro *habitat* da inovação. Logo, a participação das universidades no importante espaço de construção proposto pela Fiergs constitui caminho promissor para o desenvolvimento técnico-científico, econômico e social do Rio Grande do Sul.

Ana Flávia Mendicelli, coordenadora da Rede de Incubadoras Tecnológicas da UFRGS – A aproximação entre estes dois



setores é fundamental para o desenvolvimento tecnológico regional e nacional. Não é de hoje que a UFRGS se preocupa com a interação universidade-empresa. Em 2000, foi criada uma

instância específica para trabalhar tais questões, a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec). A possibilidade do desenvolvimento de novas tecnologias específicas às demandas locais, cuja aplicabilidade será direta ao setor empresarial e irá impulsionar novas oportunidades de negócios. Através das seis incubadoras tecnológicas da UFRGS, estamos atuando fortemente na inovação tecnológica nas áreas de informática, biotecnologia, alimentos, reciclagem, medicamentos e engenharia.

Philippe Olivier Alexandre Navaux, diretor do Instituto de Informática – Esse processo vem num crescente desde que a UFRGS, através de algumas unidades, começou a criar laboratórios de pesquisa de base tecnológica e incubadoras empresariais, nos quais idéias e resultados de pesquisas são transformados em empresas. Outro fato marcante é o incremento de projetos desenvolvidos com suporte de empresas. A participação da UFRGS na Comissão da Fiergs é mais um degrau importante nesta evolução, pois somente através de um ensino de qualidade e da geração de tecnologia própria poderemos dar melhores condições de desenvolvimento para nosso país.



Eles vêm de longe para estudar na UFRGS

Intercâmbio Universidade investe na recepção de alunos estrangeiros e busca ampliação de convênios

Jacira Cabral da Silveira

A cada ano, a UFRGS recebe em torno de 300 estudantes estrangeiros, que chegam ao Brasil através de diferentes convênios ou acordos diretos entre instituições ou entre estudantes e instituições. Por isso, é difícil contabilizá-los.

Eles vêm para aprender a língua; realizar parte de sua graduação; desenvolver pesquisas de mestrado ou doutorado e podem ficar de um mês a mais de um ano, recebendo bolsa ou não. Alguns atravessam o oceano, outros, vêm dos países vizinhos.

Essa cooperação internacional, embora sempre tenha existido, tem suscitado novos enfoques. Na UFRGS, a Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais (SRII) desenvolveu um plano de internacionalização para ampliar sua ação além dos tradicionais pólos de intercâmbio. Para isso, estabeleceu três eixos de expansão. O primeiro, se refere aos países do Atlântico Norte (Europa Ocidental, Estados Unidos, Canadá). A importância desses convênios é a participação dos estudantes brasileiros em projetos de pesquisas avançadas e a recepção de alunos destes países.

O segundo eixo abrange os paí-

ses do Mercosul: Uruguai, Argentina e Paraguai. São programas de intercâmbio estudantil e docente realizados pela Associação de Universidades do Grupo Montevidéu.

O terceiro eixo é formado pelos países emergentes como a África do Sul e China. Segundo o titular da SRII, professor Paulo Visentini, a cooperação internacional precisa identificar países com desenvolvimento semelhante ao brasileiro. O

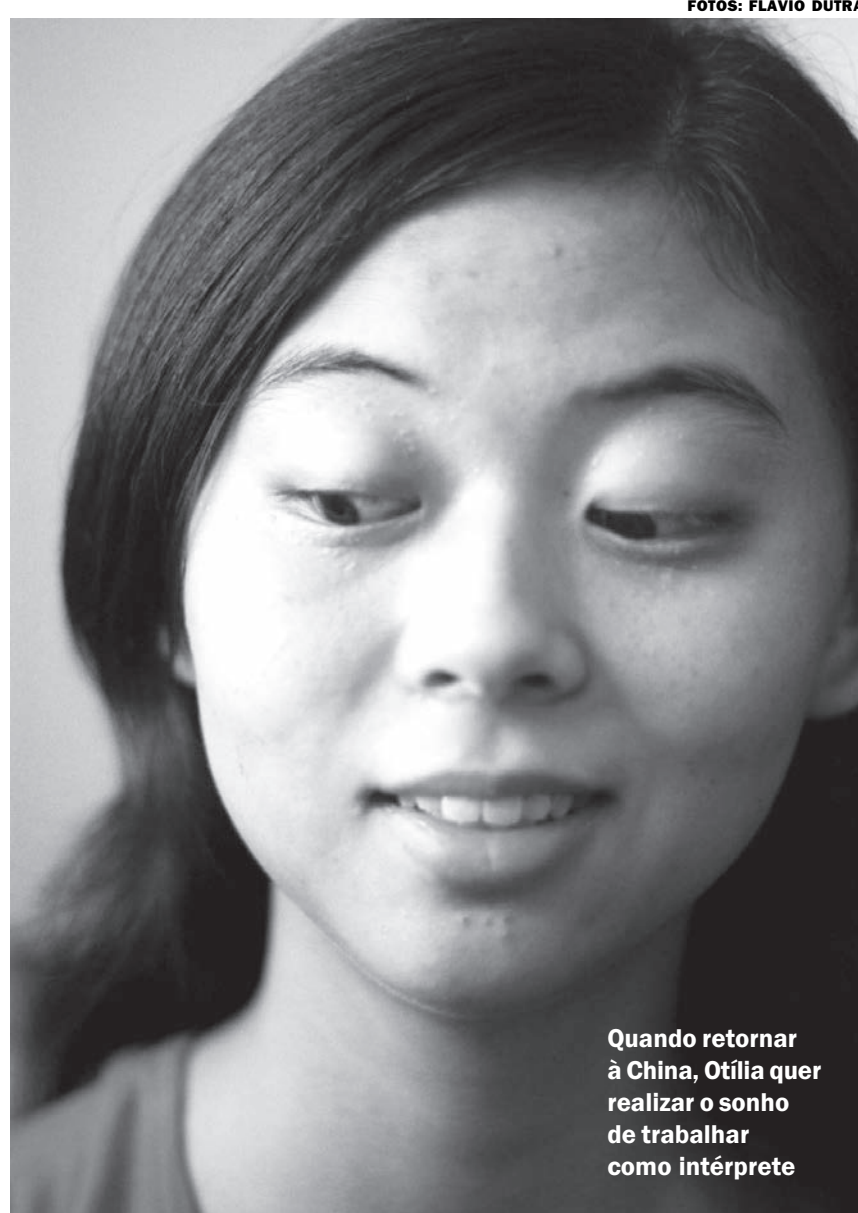
As escolhas do aluno devem fazer parte de um projeto acadêmico pessoal

secretário cita alguns setores já beneficiados com os intercâmbios: o ambiental, de transporte, de processos de inclusão social e as áreas de tecnologia aplicadas às realidades locais.

Intercâmbio não é turismo – “Que programas vocês têm?” Essa é uma típica pergunta de estudantes que chegam à Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais da UFRGS à procura de intercâmbio.

“A secretaria não é uma agência de viagens,” esclarece o secretário, professor Paulo Visentini, “nosso objetivo é qualificar o intercâmbio do estudante da Universidade, por isso o interesse em fazer com que cada um entenda o que é cooperação internacional.”

Para quem pretende candidatar-se a um dos programas que a Universidade oferece, ele dá algumas dicas. Primeiro é importante ler com atenção as orientações da página da Secretaria para saber quais os programas existentes. “O aluno deve buscar responder as seguintes questões: por que é importante para mim fazer um semestre fora? Isso vai qualificar minha formação? O país escolhido é o mais indicado? A universidade é boa para meus estudos futuros?”, orienta Visentini. Uma vez que o aluno tenha definido o que deseja, o secretário diz que é fundamental traçar um segundo e um terceiro plano opcional. “A partir daí é necessário pesquisar as possibilidades, informar-se sobre programas de financiamento e se a UFRGS tem algum acordo com os lugares onde deseja estudar.” O professor ressalta que é recomendável aprender o idioma do país escolhido e que as opções devem fazer parte de um projeto acadêmico pessoal.



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Quando retornar à China, Otilia quer realizar o sonho de trabalhar como intérprete

A experiência de cada um

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem muitas faces. Além da cordialidade e do misticismo brasileiro, ela reflete a cor e os traços de visitantes mais recentes, que vêm em busca de intercâmbio. Muita coisa é difícil para eles: idioma diferente, novas regras de conduta social, a saudade que bate na hora de pegar no sono. O Jornal da Universidade falou com alguns destes “imigrantes acadêmicos” para saber como é viver essa experiência:



Quinzé veio ao Brasil para apreender novos conceitos e desenvolver consciência crítica

Céline – Céline Laperrière, tem 21 anos, mora em Grenoble, na região dos Alpes, no Sul da França. Chegou ao Brasil em 2005 e, até o início deste ano, será aluna do curso de Ciências Sociais da UFRGS. Ela diz que na França é comum o intercâmbio universitário e que os estudantes são estimulados a participar, recebendo bolsas para isso. Resume em quatro palavras a experiência de estudar fora: “Humildade, aprendizagem, adaptação e, é claro, desfrutar!!!”

Wu Di ou Otilia – Em agosto do ano passado Wu Di, ou Otilia, como escolheu ser chamada, chegou ao Brasil para participar do programa de português para estrangeiros desenvolvido pelo Instituto de Letras. Na China, onde nasceu, ela faz Comunicação e estuda português. Otilia diz que em seu país, não é comum o intercâmbio universitário. Quando voltar para a China, quer realizar o sonho de trabalhar como intérprete. “Muitas empresas e mesmo órgãos do governo têm interesse em contratar pessoas que dominem outros idiomas.”

Mattias – Falar uma terceira língua e ter experiência no exterior foram fatores que levaram Mattias Striefler a vir da Alemanha, aos 23 anos, para estudar na Faculdade de Ciências Econômicas. Assim como a maioria dos estudantes de Economia e Administração de seu país, ele decidiu complementar seus estudos no exterior. “A Secretária de Relações Internacionais da minha universidade na Alemanha me indicou as universidades de Curitiba, Belo Horizonte e a UFRGS. E só no site da UFRGS encontrei as informações necessárias.” Quando voltar para a Alemanha, acredita que o contato com pessoas de uma outra cultura terá mudado seu ponto de vista em muitas áreas.

Dulce – Até setembro deste ano, Dulce Mungoi, moçambicana de 32 anos, será aluna de mestrado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Depois de 16 anos de guerra, Moçambique tem cerca de dez instituições de ensino superior. “O número de cursos de pós-graduação ainda é incipiente, por isso optei por vir estudar no Brasil.” Quanto à experiência em uma sociedade diferente da sua, a estudante comenta sobre a oportunidade de conhecer “o Brasil real, um país com várias faces, marcado por desigualdades sociais, pobreza, pelo racismo, mas também acolhe-

dor, rico, alegre, irmão, amigo e multi-étnico e racial”.

Cláudio – Cláudio Artur Mungoi é casado com Dulce, tem 34 anos e faz doutorado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural no Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe), da UFRGS. O casal tem dois filhos e está no Brasil desde 2002. Como a pesquisa brasileira no setor rural em países tropicais é referência internacional, Cláudio decidiu continuar aqui seus estudos. “Quero aprender com os avanços da agricultura brasileira e levar esta experiência a Moçambique.” Quando optou pela UFRGS, ele levou em consideração tanto a qualidade do curso como as condições de vida em Porto Alegre: “É uma cidade mais segura em comparação com São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte”.

Pablo – Pablo Gonzalez Rodriguez é espanhol, tem 22 anos, e vem de uma família de enfermeiros. Em fevereiro, despediu-se do curso de música que frequentou no Instituto de Artes. A riqueza musical brasileira, somada à diversidade cultural do país, influenciou na opção de Pablo por estudar em terras brasileiras. “No nível pessoal, acho que estou me livrando de preconceitos e começo a ter uma mentalidade mais aberta.”

Quinzé – Quinzé Carvalho, também tem 22 anos, nasceu em São Tomé e Príncipe e chegou ao Brasil em julho de 2005 para cursar Engenharia de Minas. Mais do que aprender, ele pretende desenvolver uma consciência crítica e construtiva: “Resolvi estudar longe da minha linda terra Natal porque quero apreender conceitos novos”. Embora longe da família e dos amigos, e tendo que encarar variadas dificuldades, Quinzé elegeu o Brasil por conta da qualidade do ensino e da facilidade do idioma.

Nova janela para o exterior

“A internacionalização é a possibilidade da UFRGS se inserir no mundo e, ao mesmo tempo, realimentar o sistema nacional de ensino sem perder sua condição de universidade brasileira, integrada aos problemas do país.” A avaliação é do reitor José Carlos Ferraz Hennemann, que participou em janeiro do encontro de reitores da Europa, América Latina e Caribe, promovido pela Universidade de Leiden, na Holanda.

A reunião teve como objetivo elaborar propostas para ampliar as relações entre os sistemas de ensino superior dos países convidados, facilitando o intercâmbio. Um documento com as principais propostas será entregue durante o IV Encontro de Cúpula dos Chefes de Estado e Governos da América Latina, Caribe e União Europeia, previsto para os dias 12 e 13 de maio, em Viena.

Para o reitor, a excelência que as universidades federais brasileiras atingiram nos últimos anos lhes confere igualdade de condições com as instituições europeias e norte-americanas: “Através da qualificação docente e da expansão das pós-graduações, estas relações passaram a se estabelecer num mesmo nível de aprofundamento”. Entre as reivindicações dos reitores latino-americanos presentes no encontro está a necessidade de investimentos em tecnologia de informação e comunicação para melhorar a infraestrutura de pesquisa.

SERVIÇO

Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais
Av. Paulo Gama, 110 – 6º andar
Fone: (51) 3316.3902
E-mail: relinter@ufrgs.br
Site: www.ufrgs.br/relinter



Cirurgia inédita remove catarata em equino

Veterinária Uso de ultra-som garante quase 100% de recuperação dos animais submetidos à operação

Ânia Chala

O Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS comemora o sucesso de uma técnica que devolveu a visão ao cavalo Tomahawk, um campeão de salto de 10 anos de idade que já conquistou diversos prêmios em competições. A cirurgia, realizada em janeiro pela equipe coordenada pelo professor João Antonio Pigatto, utilizou pela primeira vez no país um equipamento de ultra-som para remover a catarata de um cavalo adulto.

Dentre as 150 escolas de veterinária espalhadas pelo Brasil, apenas cinco instituições realizam este tipo de procedimento: UFRGS, UFPR, USP, Unesp de Jaboticabal e Unesp de Botucatu.

Chefe do Serviço de Oftalmologia Veterinária da Universidade, Pigatto, de 36 anos, diz que o HCV já vinha realizando cirurgias de remoção da catarata em cães, desde o segundo semestre do ano passado, quando o hospital da Faculdade de Veterinária recebeu dois facoemulsificadores. Os equipamentos, que não são produzidos no Brasil, custam em torno de 80 mil reais cada e foram doados à UFRGS pela empresa Sul Lentes de Porto Alegre, que atua na área da distribuição de produtos oftálmicos.

A doença – O desenvolvimento da catarata em animais é semelhante ao processo observado nos seres humanos, mas a incidência é bem maior em cães. A doença é relacionada ao envelhecimento e ataca o cristalino, parte transparente do globo ocular, que se torna opaca, bloqueando a passagem da luz impedindo a visão. A catarata também pode ser desencadeada por fatores como traumatismo, diabetes e uso de medicamentos.

O cristalino é constituído por células organizadas longitudinalmente, como uma casca de cebola, e tem de 7 a 9 mm de comprimento no seu maior eixo e de 2 a 4 mm de diâmetro (a lente cresce continuamente durante a vida do indivíduo), com



A cirurgia é rápida e a recuperação do animal é bem mais precoce do que com a técnica antiga

FLAVIO DUARTE

formato parecido com uma lente. Sua função é manter o foco da visão. Como o tratamento usado para combater a doença é a remoção de todo o cristalino, nos seres humanos torna-se necessário implantar uma lente intra-ocular, para substituir sua função. Na maioria dos animais, não é preciso implantar uma lente.

Segundo o professor, as pessoas devem observar se seus animais apresentam um esbranquiçamento dentro do globo ocular, característico do cristalino atacado pela catarata. Outros sintomas observáveis são o frequente esbarrar em objetos. “Normalmente, no início da doença, o olho já fica esbranquiçado. Na fase posterior, poderá ficar vermelho ou apresentar algum tipo de secreção, mas o primeiro sinal clínico

é o olho branco”, esclarece Pigatto.

Cirurgia – A técnica cirúrgica moderna para o tratamento da catarata, tanto em humanos quanto em animais, consiste da remoção do cristalino por microfragmentação e aspiração, num processo chamado facoemulsificação. O médico-veterinário informa que a catarata é aspirada através de uma incisão de apenas três milímetros, uma grande vantagem porque, na técnica manual, necessitava-se de uma incisão que abria praticamente a metade da córnea e exigia cerca de 20 pontos de sutura.

Outro benefício do uso do equipamento é que a recuperação do animal é bem mais precoce do que com as técnicas antigas. Além disso, a cirurgia, que antes do uso do apa-

relho demorava até duas horas, hoje pode ser feita em apenas 40 minutos. “O animal pode ser operado pela manhã e à tarde já recebe alta.”

O professor afirma que o equipamento funciona basicamente com um sistema de ultra-som que, ao mesmo tempo em que vai destruindo a catarata, também faz a irrigação e a aspiração do tecido doente.

Pigatto, que durante o doutorado trabalhou a técnica de tratamento cirúrgico manual e a que utiliza o facoemulsificador, relata que o percentual de sucesso da cirurgia com o uso da máquina fica próximo dos 100 por cento. No método convencional, muitas vezes não se atinge 50 por cento de recuperação visual. “Com essa técnica, conseguimos oferecer aos animais as mesmas vantagens do tratamento na área

da medicina humana. Atingimos o mesmo patamar técnico.”

Custos – O Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS cobra entre R\$ 1.100 e R\$ 1.200 reais para a realização do procedimento, incluindo o material, a anestesia geral e alguns exames. Um dos fatores que contribui para o custo da cirurgia é o material utilizado para proteger as estruturas internas do olho, cujo valor gira em torno de R\$ 600 reais.

Um aspecto importante revelado por Pigatto é o fato de que o animal submetido a este tipo de cirurgia precisa da aplicação de colírio durante dois ou três meses. Por isso, alguns animais são selecionados em função da disponibilidade de tempo de seu dono.

HCV completa 50 anos ampliando atendimento

O Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS, que completará 50 anos em 14 de maio, tem um grupo de 11 médicos-veterinários contratados, 12 médicos-veterinários residentes e 10 professores, mais os alunos envolvidos em diferentes projetos da instituição, que perfazem um total de cerca de cem pessoas. Como órgão auxiliar da Faculdade de Veterinária, serve de apoio às aulas práticas, oferece estágios curriculares e extracurriculares a estudantes de graduação e a técni-

cos científicos e participa de atividades de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação, além de prestar serviços médico-veterinários à comunidade em geral.

Construído inicialmente para tratar doenças de animais utilizados no meio rural, aos poucos o Hospital teve o setor de atendimento aos bichos de estimação substancialmente ampliado. Em maio, devem ser inauguradas oito novas salas de cirurgia, o que dobrará a capacidade de atendimento. Segundo o professor João

Antonio Pigatto, o HCV está entre os três hospitais veterinários brasileiros de maior movimento, chegando a realizar anualmente cerca de 20 mil atendimentos.

O carinho extremado de alguns donos por seus animais de estimação leva a alguns exageros. Embora o Hospital não disponha de um serviço especializado, costuma orientar os proprietários para que evitem tratar de seus bichos como se fossem seres humanos. “Um cão é um cão. Um ser humano é outra coisa”, diz o pro-

fessor que tem observado pessoas que trazem animais com problemas de saúde causados pelo uso indiscriminado de perfumes ou mesmo de roupas.

O Serviço de Oftalmologia dispõe de uma equipe de seis profissionais: dois médicos-veterinários e quatro estudantes. O HCV tem ainda serviços destacados como cardiologia, diagnóstico por imagem, endocrinologia, neurologia, odontologia, oncologia, ortopedia, videocirurgia entre outros.

SERVIÇO

O que fazer em caso de suspeita de catarata em animais

Agendar consulta com hora marcada junto ao Setor de Oftalmologia do HCV. A partir daí é feito o diagnóstico e o encaminhamento do tratamento. Horário de atendimento: segunda a sexta-feira, das 8h às 11h e das 14h às 17h. Telefone: 51-3316-6095 Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9.090



Edital **BIC**
Programa de Iniciação Científica
BIC/UFRGS-2006

UFRGS
pro.pesq

Período de inscrição: 06 a 20/03/2006

Formulário on-line:

https://www1.ufrgs.br/PortaisUfrgs/portal_do_servidor/servidor.htm

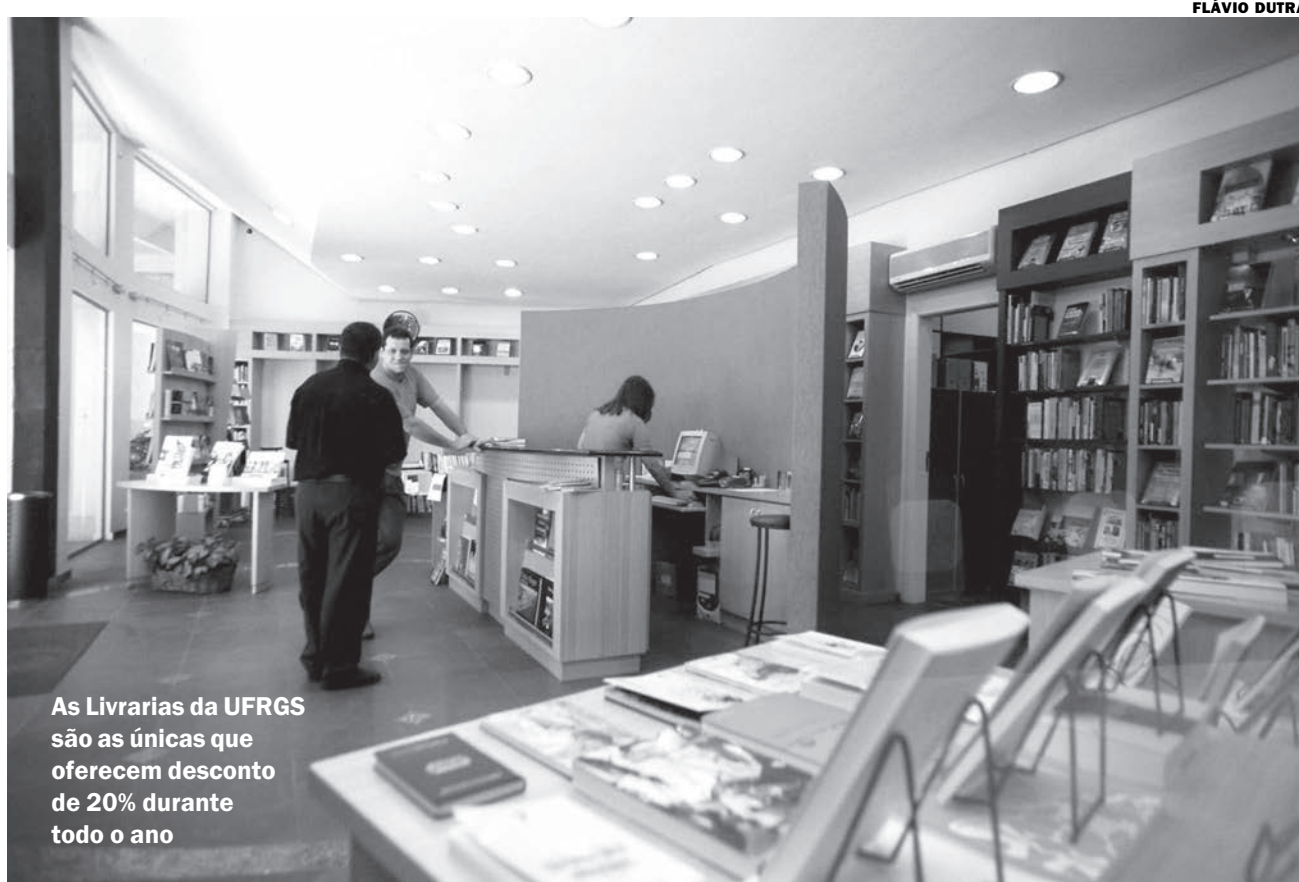
Informações:

Divisão de Iniciação Científica, ramal 3209 <http://www.ufrgs.br/propesq>



Editora vai comemorar 35 anos em sede própria

Lançamentos Neste mês, estreia uma nova coleção para os alunos de graduação e será implantada a livraria virtual



FLÁVIO DUTRA

As Livrarias da UFRGS são as únicas que oferecem desconto de 20% durante todo o ano

Ânia Chala

O início do semestre está sendo comemorado pela equipe da Editora da UFRGS, pois neste mês finalmente eles passarão a trabalhar num espaço especialmente concebido para o seu funcionamento. Segundo a professora Jusamara Vieira Souza, diretora do órgão, a mudança é a realização de um grande sonho, já que a Editora funcionou durante muito tempo num espaço provisório em um prédio da João Pessoa o que, de certa forma, contribuiu para mantê-la desligada da vida acadêmica. No novo prédio, localizado na Rua Ramiro Barcelos, 2.500, no Campus Saúde, irá funcionar a parte administrativo-financeira e o setor editorial.

Em 19 de março, a Editora completará 35 anos de existência, com um catálogo com 715 títulos publicados e muitos planos. “O principal projeto que temos para esta gestão é a integração completa à universidade, através da comunicação com todos os setores da comunidade. Ter um espaço físico próprio, no qual estaremos congregando com setores próximos, como a Gráfica, terá um efeito visível em relação à nossa produção”, garante a professora oriunda do Departamento de Música do Instituto de Artes, que desde 2002 está à frente da Editora. Aos 47 anos, Jusamara já atuou como organizadora de livros e editora da revista *Em Pauta*, do Programa de Pós-graduação em Música, tarefas que lhe deram certa intimidade com o acompanhamento dos processos editoriais.

“Neste momento, a Editora trabalha no levantamento físico de todo o seu estoque, até porque pretendemos implantar a Livraria Virtual, cujo projeto foi apresentado no ano passado, durante o Salão de Extensão”, informa a professora. A Livraria Virtual terá um sistema eletrônico que permitirá o atendimento rápido dos pedidos feitos via Internet e irá oferecer os mesmos descontos das Livrarias da UFRGS, comercializando somente os títulos editados pela Universidade.

Livrarias – Março também marcará a estreia de um novo projeto arquitetônico para as livrarias,

inauguradas em 2003, no Campus Centro e no Campus do Vale. Através de um acordo com a Pró-reitoria de Pesquisa, foi criado um espaço específico para a divulgação dos periódicos da Universidade, com a instalação de expositores nas livrarias. A partir deste mês, os periódicos também ganham uma coluna fixa na seção Campus deste jornal.

A Livrarias da UFRGS são as únicas que oferecem desconto de 20% durante todo o ano, tanto nas publicações da Editora, quanto nas das outras editoras universitárias. “A nossa política é manter os 20% de desconto durante todo o ano e, no início e no final dos semestres, fazer promoções de até 70% de desconto, como fizemos em dezembro do ano passado.” Jusamara ressalta que a proposta é dar acesso às publicações, pois “como editora

“Nossa prioridade número um é fazer com que o livro chegue ao aluno”

universitária de uma universidade pública não temos o lucro como objetivo, e toda a receita gerada é reinvestida na publicação de mais títulos ou na melhoria das condições das livrarias. A prioridade número 1 é realmente fazer com que o livro chegue ao aluno”, garante ela.

As livrarias adotam uma seleção de títulos que inclui as editoras universitárias que integram o Programa Inter-universitário de Distribuição de Livros, além de livros de editoras como Companhia das Letras, Zahar, Relume Dumará, que também visam o público acadêmico.

A Editora da UFRGS publica tanto obras de professores quanto de colaboradores de fora da Universidade. “Isso é importante, porque a Universidade respira com a produção de conhecimento de outras instituições. Alunos também podem encaminhar propostas”, informa a diretora. Segundo ela, o Conselho Editorial tem privilegiado a publicação de dissertações e teses, desde que elas sofram um tra-

balho de revisão e de adaptação para a linguagem do livro. Isso geralmente implica a redução do volume de páginas, uma vez que o livro é uma forma de divulgação do trabalho científico e não necessariamente uma reprodução fiel da tese que foi escrita. Assim, a Editora tem produzido alguns livros de sucesso a partir de teses e dissertações, que ganharam uma nova formatação.

Nova série – Outra novidade programada para março é o lançamento de uma série específica para os alunos de graduação, com descontos entre 40 e 50 por cento sobre o preço de capa, justamente para que os alunos tenham essas publicações como livros-texto de disciplinas nas áreas de matemática, física, química e biologia. “Neste mês, serão lançados quatro títulos, e nosso objetivo é produzir entre 10 a 15 volumes por ano”, promete a professora. A nova série, chamada *Graduação*, é resultado de uma parceria com a Pró-reitoria de Graduação e terá uma campanha de distribuição diferenciada, para que a coleção chegue às salas de aula.

Jusamara assinala que essa é uma resposta da atual administração no sentido de colaborar com a campanha de combate ao xerox. “Com livros com bom conteúdo, abordando temas necessários aos cursos de graduação, queremos mostrar que não vale a pena tirar fotocópias, porque os preços estarão tão acessíveis que um livro de 300 ou 400 páginas fotocopiado ficará mais caro do que o original. Queremos que nossos alunos possam adquirir os livros originais e não as cópias”, diz ela.

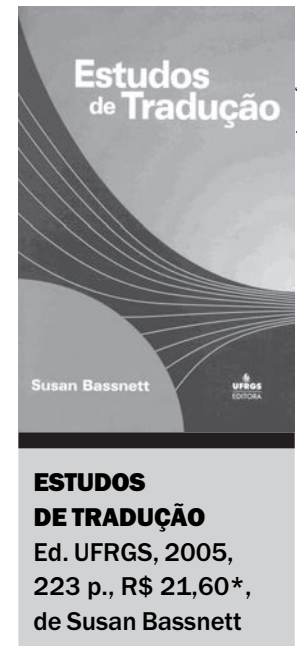
Paralelamente a isso, a Editora vai criar uma campanha de fidelidade para que os alunos e professores que adquirirem os livros da série tenham descontos especiais na compra de outros títulos. “A gente quer fazer todo um envolvimento dos professores e dos alunos de graduação para podermos resgatar o uso do livro na sala de aula. Como os autores da série são nossos professores, a série também servirá para divulgar seus trabalhos”, conclui a professora.

Resenhas

Por Caroline da Silva

Pensando as traduções

Com o título original *Translation Studies*, a obra da professora Susan Bassnett já está na sua terceira edição em língua inglesa. A tradução para o português foi feita por Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi e integra o projeto de extensão da UFRGS *A Tradução no Instituto de Letras: da Teoria à Prática*. Os estudos de tradução constituem uma das linhas da Literatura Comparada e o presente projeto se apresenta como uma oportunidade para os alunos do Bacharelado em Letras da Universidade utilizarem na prática os conhecimentos adquiridos no curso. A parte central do livro apresenta um histórico dos Estudos de Tradução como nova disciplina acadêmica. Na abertura da obra, são abordadas as questões envolvidas no processo da tradução, como a língua e a cultura, os problemas de equivalência e as perdas e ganhos. Na terceira parte, a autora se aprofunda na questão da tradução literária, analisando seus problemas específicos, diferenciando as principais estruturas e comparando esse processo na poesia, na prosa e no texto dramático. Ao final da publicação, um presente para o leitor: o levantamento de uma extensa bibliografia da Teoria da Tradução, desde a leitura introdutória até os estudos de casos específicos. O texto da professora Susan Bassnett é uma obra bastante abrangente para os interessados nesta disciplina que também tem fortes raízes na aplicação prática: “Os estudos de tradução estão explorando uma nova área, estabelecendo uma ponte sobre as lacunas entre as vastas áreas da estilística, da semiótica e da estética”.

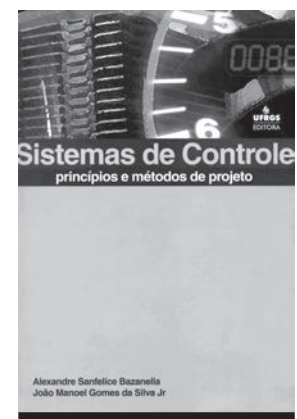


REPRODUÇÕES / EDITORA DA UFRGS

ESTUDOS DE TRADUÇÃO
Ed. UFRGS, 2005,
223 p., R\$ 21,60*,
de Susan Bassnett

Princípios e métodos

Este título é resultado da experiência de 10 anos dos autores em sala de aula na UFRGS e tem o objetivo de apresentar os conceitos básicos de operação e implementação de sistemas de controle e os principais métodos de projeto de controladores monovariáveis. Os conceitos são utilizados como ferramenta e, ao final de cada capítulo, são propostos exercícios para verificar a sua apropriação. Alexandre Sanfelice Bazanella é engenheiro eletricista formado pela UFRGS em 1991, mestre em Engenharia Elétrica e doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Desde 1996 é professor do Departamento de Engenharia Elétrica da UFRGS. É pesquisador do CNPq e editor associado da IEEE *Transactions on Control Systems Technology*. João Manoel Gomes da Silva Jr. é engenheiro eletricista formado pela UFRGS em 1992, mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutor em Automática pela *Université Paul Sabatier*, de Toulouse, França, e, desde 1997, professor do Departamento de Energia Elétrica da UFRGS. É pesquisador do CNPq e membro do corpo editorial para congressos da IEEE *Control Systems Society*.



SISTEMAS DE CONTROLE: PRINCÍPIOS E MÉTODOS DO PROJETO
Ed. UFRGS, 2005,
297 p., R\$ 21,60*,
de Alexandre Sanfelice Bazanella e João Manoel Gomes da Silva Jr.

Conceitos e exercícios

Este manual de matemática financeira do professor Wili Dal Zot é publicado agora na sua 4ª edição, e contou, ao longo das edições anteriores, com sugestões dos estudantes de graduação de Economia, Administração e Contábeis da UFRGS e a colaboração dos alunos de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas. Nesta nova edição, ele se apresenta ainda mais didático e com um número maior de exercícios, que podem ser visualizados no CD que acompanha a obra. Na introdução, são abordados alguns conceitos básicos e há um rápido levantamento histórico, seguido dos ensinamentos mais práticos. O livro é uma orientação instrumental que visa a preparar profissionais para atividades que as empresas exigem. Sendo assim, é dirigido a estudantes e profissionais que almejam aprender os fundamentos desta disciplina, como o cálculo de rendimentos de financiamentos e sua rentabilidade. Wili Dal Zot é formado em Ciências Econômicas pela UFRGS, pós-graduado em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas e professor no Departamento de Matemática Pura e Aplicada do Instituto de Matemática da UFRGS, tendo lecionado Matemática Financeira nos cursos de Economia, Contábeis e Administração da Universidade, desde 1984. Foi técnico do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, do qual se aposentou como perito-assistente em questões judiciais sobre contratos de financiamento. Também inclui em seu currículo profissional experiência como coordenador de imersões em controladoria e finanças pelo Instituto de Imersões; *controller* do Hospital Moinhos de Vento e professor-convidado em cursos de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas.



MATEMÁTICA FINANCEIRA
Ed. UFRGS, 2006,
192 p., R\$ 26,40*,
de Wili Dal Zot

* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

Mozart, o primeiro músico romântico

Música O caráter enérgico e apaixonado da obra do compositor o aproxima dos ideais românticos

Fernando Lewis de Mattos*

Johannes Chrysostomus Wolfgang Theophilus Mozart, filho caçula de Leopold Mozart e Maria Anna Mozart, nasceu em Salzburg no dia de São João Crisóstomo, 27 de janeiro de 1756. Coincidentemente, seu segundo nome, em homenagem ao santo do dia, também pode significar, metaforicamente, um orador eloquente que se expressa com facilidade para cativar sua audiência. Tal facilidade, de fato presente no espírito criador de Wolfgang Amadeus Mozart (nome que adotou em ambientes públicos), desde muito tenra idade, logo o tornou um mito romântico no meio musical centro-europeu.

As habilidades musicais de Mozart levaram Johann Christian Bach (o mais jovem dos filhos de Johann Sebastian e um dos mais importantes músicos de sua geração) a testá-lo, para provar sua capacidade. O reconhecimento de sua aptidão musical chegou a influenciar o pai de Ludwig van Beethoven a obrigar o filho, nascido quando Mozart tinha apenas quatorze anos de idade, a dedicar-se horas a fio ao estudo dos teclados para vir a se tornar um prodígio como o 'gênio de Salzburg'. O primeiro relato sobre Beethoven, na imprensa, publicado no *Magazin der Musik*, em 1783, finaliza com uma referência à genialidade de Mozart: "Este gênio juvenil [Beethoven] é merecedor de ajuda que lhe possibilite viajar. Tornar-se-á seguramente um segundo Wolfgang Amadeus Mozart, se continuar como começou".

Atualmente, Mozart é reputado como um dos maiores expoentes da música do Período Clássico, que corresponde à segunda metade do século XVIII. No início do século XIX, porém, era considerado por

E. T. A. Hoffmann como "o primeiro de todos os músicos românticos". Em *O poeta e o compositor*, Hoffmann situa a cena no contexto da investida das tropas napoleônicas sobre Viena. Em meio ao caos das ruas, dois personagens, Ludwig (referência a Beethoven) e seu amigo Ferdinand, se encontram e iniciam um diálogo sobre relações entre música e poesia. Já no final da conversa, Ludwig diz ao seu amigo, após citar versos italianos:

"Que sugestão de uma natureza dilacerada pelo amor e pela aflição repousa nessas poucas palavras simples, uma sugestão na qual o compositor pode se prender, apresentando os estados interiores sugeridos pelos afetos com a força plena da expressão musical. De



fato, a situação particular em que essas palavras devem ser cantadas estimularão tanto sua imaginação que ele dará à sua melodia um caráter totalmente próprio. Por essa mesma razão, tu também verás que os compositores mais poéticos muitas vezes colocam até mesmo a poesia evidentemente ruim de maneira completamente esplêndida em música. Porém, nesse caso, foi o argumento operístico e genuinamente romântico que os inspirou. Como um exemplo, dou-te a *Flauta Mágica* de Mozart".

O que faz com que os primeiros românticos tomassem Mozart como sendo um deles e atualmente ele seja considerado como um compositor clássico? Talvez a res-

posta esteja em sua música e em suas idéias; talvez, nos conceitos de clássico e romântico.

Entre duas tendências – Com o surgimento da estética como disciplina, em meados do século XVIII, o conceito de *mimesis* como critério para a apreciação da arte cede espaço à *poiesis*, isto é, a arte se torna autônoma e, com isso, concentra-se no fazer artístico e não na cópia de um modelo externo. Daí surge a divisão da estética em duas tendências gerais: o modelo clássico, centrado na estrutura (objetivo, exterior), e o modelo romântico, focalizado na intencionalidade (subjetivo, interior).

Por clássico, entende-se o artista que se preocupa, em primeiro plano, com a clareza, a concisão e a estrutura arquitetônica de sua obra, tendo no conhecimento da tradição um de seus valores mais importantes. Para Charles Rosen, entre os clássicos vienenses, Haydn teria sido o compositor mais discursivo, Mozart, o mais narrativo e Beethoven, o mais dramático. Por isso, este teria sido um precursor do Romantismo.

Romântico é o artista que se interessa pela expressão e cultiva, acima de tudo, sua fantasia criadora, vendo nas formas tradicionais um entrave à sua criatividade. Schumann encarnou os dois tipos românticos, em seus heterônimos: Eusebius, o revolucionário, e Florestan, o lírico sonhador.

Por não se prenderem aos moldes escolásticos, acreditava-se que Beethoven não conhecia a fuga (forma que incorporou às suas últimas obras, consideradas românticas) e que Chopin não dominava a forma sonata; sendo que Schubert (visto por Liszt como "o músico mais poeta que jamais existiu") e Brahms eram considerados clássicos entre os românticos, por cultivarem a clareza da estrutura clássica.

Mozart atuou em duas frentes, como instrumentista e como compositor. Grande parte de sua música para teclado foi escrita para ser tocada por ele próprio em recitais e concertos; outra parte foi dedicada a músicos conhecidos no meio musical da época ou aos seus alunos. É interessante notar que algumas de suas sonatas para violino e teclado têm partes de acompanhamento mais complexa do que a parte de solista. Presume-se disso, que as partes de violino foram escritas para algum aluno, sendo o acompanhamento realizado pelo mestre.

Características da música instrumental – Grande parte das sonatas para piano, de Mozart, apresenta estrutura clara, com textura leve e transparente. Na *Sonata K 545* (1788), por exemplo, os dois temas característicos da forma-sonata são apresentados de maneira inequívoca, em tonalidades contrastantes, com organização frásica regular e bem equilibrada. Após essa exposição temática, advém o desenvolvimento das idéias anteriormente apresentadas; esse desenvolvimento culmina em uma suspensão do tempo, que serve para preparar a recapitulação dos temas principais que conduzirá à conclusão do movimento.

Em contraste com essa forma precisamente ordenada, a *Fantasia*



Ainda menino, Mozart percorreu a Europa apresentando-se ao lado da irmã Nannerl e do pai Leopold

IMAGENS EXTRAÍDAS DE LETTERS OF W. A. MOZART / ORGANIZADO POR HANS MERSMANN / EDITORA DOVER, NY, 1972

K 475 (1785) possui uma estrutura completamente irregular, com interrupções abruptas, modulações para tonalidades afastadas e mudanças inesperadas de textura. Todas essas características trazem ao primeiro plano, na escuta dessas peças, grande densidade expressiva, além de um caráter enérgico e apaixonado muito próximos dos ideais românticos. Essa obra não é apenas uma exceção na produção mozartiana, pois apresenta muitas semelhanças com a *Sonata K 457* (1784); sendo algumas dessas características também presentes em

rão ser tão parcimoniosos, e tão pouco patrióticos, em pagar grandes somas para ter estrangeiros aqui, quando poderiam ter cantores melhores – ou, no mínimo, tão bons – no palco, por nada".

Além de escrever óperas em italiano, Mozart compôs e fez encenar diversas peças em alemão, incluindo o *singspiel*, gênero popular da época que pode ser representado por duas de suas obras primas: *O Rapto do Serralho* e *A Flauta Mágica*. Ao longo do século XIX, a concepção de óperas com libreto em alemão passou a predominar no meio musical germânico, desde Weber até Wagner.

Sua atitude rebelde rendeu-lhe a reputação de tresloucado

muitas sonatas e sinfonias, como a *Sinfonia Praga K 504* (1786), cuja introdução dramática, com amplos cromatismos e oscilações entre os modos maior e menor, sugerem uma abertura de ópera.

Características da música vocal – Mozart foi um dos primeiros a atuar em defesa da ópera alemã, contra a supremacia italiana. Em correspondência a Anton Klein, de 1785, disse:

"Não posso, no presente, dar-lhe qualquer notícia sobre o futuro do palco operístico alemão [...]. Eu, por minha parte, não tenho muita esperança de seu sucesso. Levando em consideração os planos atuais, parece que estariam tentando levar a ópera germânica (que talvez esteja sofrendo atualmente apenas um eclipse temporário) à sua ruína final, mais do que se esforçando para elevá-la ou preservá-la. [...] Posso, no máximo, sentir que os diretores de nossos teatros prova-

Personalidade – É interessante também notar que Mozart foi um dos primeiros músicos livres, isto é, não trabalhava a serviço da corte ou da Igreja, pois vivia de aulas e encomendas. Esse é outro traço de sua personalidade, pois, como simpatizante dos ideais que levaram à Revolução Francesa, não se sentia à vontade como serviçal palaciano. Seu desentendimento com o príncipe-arcebispo de Salzburg, em 1781, e, posteriormente, sua atitude rebelde junto à nobreza vienense renderam-lhe a reputação de músico tresloucado e extravagante. Características que, com o tempo, passaram a ser cultivadas entre os artistas românticos.

Esse comportamento, no entanto, afastou o músico dos círculos sociais e o levou à falência financeira. Enquanto o empresário Emanuel Schikaneder (que era também compositor, cantor e libretista) enriquecia com a venda de ingressos para *A Flauta Mágica*, Mozart morria isolado, por falta de atendimento, em 1792, e era enterrado como indigente em uma vala comum.

*Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes





Grupo apresenta-se no Salão de Atos interpretando composições de Hermeto Pascoal

BRUNO QUEIROZ

Itiberê Orquestra Família recepciona bixos da UFRGS

Ânia Chala

A UFRGS programou para o dia 24 de março uma apresentação da *Itiberê Orquestra Família*, grupo formado por dezenove jovens músicos mais o contrabaixista, tubista e compositor Itiberê Zwarg, que há mais de duas décadas acompanha as experiências sonoras de Hermeto Pascoal. O show, promovido pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão e pela Secretaria de Assuntos Estudantis irá recepcionar os novos alunos da UFRGS.

A história da Orquestra começou em 1999, quando os jovens participaram dos Seminários de Música Pró-arte, num trabalho de estudo musical ministrado por Itiberê e organizado como oficina semanal. O que era uma oportunidade de aprendizado e troca de informações acabou virando orquestra, para surpresa do próprio Itiberê. "Quando abri o olho, vi que tinha uma orquestra formada", relata o músico no site do grupo, que pode ser acessado no endereço www.itibereorquestrafamilia.com.br. A partir daquele ponto, os integrantes da orquestra passaram a encontrar-se três vezes por semana e tiveram a oportunidade de legitimar seu extenso repertório em apresentações pelo Brasil, a tal ponto que Hermeto se considera seus "netos musicais".

Ao contrário de uma orquestra convencional, a Itiberê não costuma usar partituras, e os músicos quase sempre tocam de cor. Os estilos são múltiplos, numa justaposição de traços da música regional brasileira. No final de 2001, a Orquestra lançou seu primeiro disco, o CD duplo *Pedra do Espia*, pelo selo Jam Music, considerado pela crítica especializada um dos dez melhores lançamentos musicais daquele ano. No final de 2005, saiu o segundo disco *Calendário do Som*, lançado após três anos de intensa preparação. Todas as 27 músicas desse CD são de autoria de Hermeto Pascoal e receberam arranjos de Itiberê, inclusive a música *22 de junho*, data do aniversário do próprio Hermeto.

A Orquestra utiliza um método que o paulistano Itiberê chama de

composição de corpo presente. "Conforme vou compondo, em um instrumento qualquer, a música vai sendo executada quase simultaneamente à criação. Faço uma frase melódica e passo para o clarinetista; a harmonia para o pianista; e em seguida vou abrindo as vozes para todos os instrumentistas, parte por parte", diz ele ao reconhecer que um trabalho como esse não é fácil de ser executado, pois exige habilidades especiais por parte dos músicos.

No entanto, o compositor argumenta que reproduzir de ouvido o que se vai criando possibilita aos jovens o desenvolvimento da percepção rítmica, melódica, harmônica e da memória musical. "A memória de cada um dos músicos é acionada pelo estímulo do som e não pelo estímulo gráfico. Só depois da composição e arranjos prontos é que cada um dos instrumentistas escreve o que executou,

O grupo não costuma usar partituras e os músicos quase sempre tocam de cor

desenvolvendo a habilidade da escrita musical. Por isso, eles amadurecem rapidamente a interpretação e também aprendem a escutar todos os instrumentos, pois estão presenciando e participando ativamente de todo o processo de criação", completa o músico.

Conforme o material divulgado no site do grupo, mais do que uma capacitação técnica, o método empregado desenvolve a responsabilidade de cada indivíduo face aos interesses do grupo. Além de permitir a rápida evolução e amadurecimento da execução, interpretação, improvisação, leitura e escrita musical, forma valores morais e sociais, que priorizam o coletivo e que deixam as individualidades sobressair naturalmente na medida de suas capacidades.

Itiberê afirma que através de suas composições e arranjos desenvolve na prática tudo que aprendeu com o mestre Hermeto Pascoal, e assim como ele aposta nos jovens. "O termo música universal traduz a

nossa variedade de cores e estilos que tem por característica propiciar novas riquezas harmônicas, rítmicas e melódicas", declara o compositor ao definir seu estilo. Itiberê é professor de prática de conjunto nos Seminários de música Pró-Arte em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, e ministra oficinas em todo o Brasil, nas quais tem logrado desenvolver uma geração de talentos.

Sobre a apresentação programada para receber os calouros da UFRGS o músico disse que "cada nova geração que chega é mais uma oportunidade de renovação para o mundo". Também a música universal que é viva se renova sempre. Esse encontro em Porto Alegre com a nova geração de estudantes será uma confirmação de um encontro que já estava marcado para acontecer. A Itiberê Orquestra Família está ansiosa para fazer um som para vocês. Para mim, que já toquei várias vezes com Hermeto e grupo em Porto Alegre, voltar, à frente da minha Orquestra, é uma alegria", concluiu.

A apresentação será realizada às 19h, no Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro), com entrada franca. O repertório do show terá músicas do CD *Calendário do Som* e composições inéditas de Itiberê. O público poderá retirar as senhas para ingresso a partir do dia 20 de março, no Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277), ou no dia do show na bilheteria do Salão. Mais informações pelos telefones 3316-3034 e 3316-3390.

Mostra de bonecas japonesas na Sala Fahrion

Com o objetivo de apresentar ao público um aspecto artístico-cultural japonês será inaugurada na Sala Fahrion, no dia 13 de março, às 19h, a exposição *Washi-Ningyô - Imagens do Japão Tradicional*. A mostra traz bonecas japonesas confeccionadas em papel artesanal pelo artista Paulo Gick, professor aposentado do Instituto de Letras, que ao longo de mais de quarenta anos tem interagido com a cultura japonesa. Desde a década de 70 ele vem se aperfeiçoando na arte da boneca japonesa em papel artesanal, a *washi-ningyô*. Para esta exposição, organizada pelo Escritório Consular do Japão em Porto Alegre, em parceria com o Museu da UFRGS, o artista criou e executou cerca de 50 bonecas que estarão expostas até 31 de março.

Conforme Paulo Gick, a boneca faz parte dos primórdios da história do Japão, como bem comprovam os exemplares encontrados em escavações arqueológicas e as representações em pinturas antigas, sendo consideradas não apenas objetos lúdicos, mas principalmente instrumentos de culto.

A designação *nin-gyô* é composta por ideogramas que significam "forma de pessoa", porque inicialmente essas bonecas eram usadas em rituais de exorcismo e em cerimônias que objetivavam atrair para as "formas de pessoas" qualquer mal que estivesse se abatendo sobre os filhos de uma família. Paulo explica que essas primeiras bonecas eram confeccionadas em papel (*washi*), cujo uso, na época, se limitava às classes nobres, devido ao seu alto custo, mas após o Período Edo (1600-1868), o uso do papel generalizou-se, permitindo que elas passassem a ser confeccionadas nos lares. O professor afirma que as bonecas se tornaram tão belas que se criou um festival nacional para sua exibição. "Elas eram chamadas de *ane-sama*, que significa irmã mais velha, e a arte de sua confecção passava de mãe para filha, como forma de ensinar às meninas os tipos de penteados e a maneira de amarrar o *obi*, a faixa que prende o quimono." Ele acrescenta que essa tradição encontrou seus maiores expoentes no Século XX e que, aquilo que no passado era uma atividade lúdico-educativa, adquiriu o *status* de arte. Atualmente, os artistas de bonecas procuram representar períodos históricos, personagens do teatro Nô e Kabuki e personagens do povo.

Em sua maioria, as *washi-ningyô* não têm rosto e suas faces brancas, desprovidas de traços fisionômicos, convidam o observa-

dor a participar do processo criativo do artista, atribuindo às bonecas as feições que lhe parecerem adequadas. Através desse ato criativo compartilhado, todos nos tornamos participantes do ato estético original do artista.

A exposição poderá ser visitada de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, com entrada franca. A Sala Fahrion funciona no segundo andar do prédio da Reitoria da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro). Escolas e grupos poderão fazer o agendamento de visitas com a assistência de monitores voluntários pertencentes ao curso de Língua Japonesa do Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (Nele) do Instituto de Letras através do telefone 3334-1299.

JEFERSON SFREDDO



Amantes em Yoshiwara

JEFERSON SFREDDO



Eguti, a cortesã

DANIEL MARTINS



Gueixa no outono

Instituto de Artes oferece cursos de música eletrônica

A partir do próximo dia 14, o Centro de Música Eletrônica da UFRGS (CME) recebe inscrições para o primeiro de uma série de cursos que serão desenvolvidos ao longo deste ano. O Centro funciona desde janeiro de 2003 e tem um dos mais bem equipados laboratórios de música e tecnologia do Brasil.

O curso de *Introdução à Música Eletrônica* iniciará em 11 de abril e é preparatório para outras atividades oferecidas pelo CME. Os parti-

cipantes irão conhecer os princípios da música eletrônica e aprender a utilizar instrumentos eletrônicos como sintetizadores, *music workstation* e *samplers*. O curso será desenvolvido nas terças-feiras, das 14h30min às 16h30min, pelo professor Eloy Fritsch, que é compositor de música instrumental eletrônica e coordenador do grupo de pesquisa em Computação Musical da UFRGS.

Além disso, está programado para setembro um curso de *Introdução à*

Composição de Música Eletrônica e uma série de cursos individuais de música e tecnologia.

As inscrições para o curso de *Introdução à Música Eletrônica* podem ser feitas até 4 de abril junto ao Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes (Rua Senhor dos Passos, 248 - sala 61), de segunda a quinta-feira, das 9h às 12h e das 14 às 18h. Outras informações pelo telefone 3316-4329 ou no site www.musicaeletronica.ufrgs.br.

Sandra Pesavento e a nova história cultural

Pesquisa Professora faz estudo sobre a trajetória de sete mulheres que estiveram na contramão da vida

Ademar Vargas de Freitas

A professora e historiadora Sandra Jatahy Pesavento leciona História na UFRGS há 36 anos, escreveu mais de 30 livros e é cidadã emérita de Porto Alegre desde 1994, tendo recebido também a Medalha Negrinho do Pastoreio, em 1999; o Prêmio da Academia Brasileira de História, em 1979; o troféu de Pesquisadora-detaque da Fapergs, em 1999; e o Prêmio Açorianos de Literatura em 2000.

Além de dar aulas, pesquisar e produzir textos, ela coordena o Grupo de Trabalho em História Cultural na Associação Nacional dos Historiadores e o grupo Clíope, composto por pesquisadores franceses, italianos e brasileiros, que analisa as relações entre a história e a literatura.

Sandra concluiu o curso de História na então Faculdade de Filosofia da UFRGS em 1969 e passou a lecionar na própria Universidade. Dentro de uma abordagem teórica do marxismo, foi dando aulas, escrevendo, publicando, promovendo seminários. Mas, o mundo mudou, e a maneira de ver e de analisar a complexidade do real a fez mudar também. Atualmente, Sandra trabalha com história cultural, com questões relativas ao imaginário, com as representações construídas sobre o mundo, a literatura e a arte.

“Poderia dizer que sou uma historiadora do que se chama uma nova história cultural. Trabalho com a temática das cidades, dentro de uma abordagem cultural urbana, estabelecendo relações entre imagem e história, literatura e história e entre personagens, práticas e espaços da cidade. Tenho me voltado cada vez mais para um conceito que está no cerne da história cultural, que são as sensibilidades.”

Sua dissertação de mestrado, na PUCRS, em 1978, tinha quase 500 páginas e foi publicada em forma



Sandra com Minouche na biblioteca

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

de livro com o nome de “República velha gaúcha – charqueadas, frigoríficos e criadores” (1980).

A tese de doutorado foi defendida na USP, em 1987, ainda dentro da matriz marxista, mas já na vertente dos historiadores ingleses. E foi publicada em dois livros “Burguesia gaúcha - a dominação do capital e disciplina do trabalho” (1988) e “Os industriais da República” (1991). Sandra fez três pós-doutorados em Paris e um estágio na Smithsonian Institution, de Washington. Foi professora e pesquisadora convidada em universidade da França, Itália,

Portugal, Holanda, Alemanha e Estados Unidos. Na década de 90 começou a trabalhar com história cultural. A partir daí, passou a se ocupar do processo de modernidade urbana, das elites culturais e sua maneira de reproduzir o mundo. “Comecei também a pesquisar o mundo dos subalternos, dos excluídos, dos ex-escravos, dos pobres da cidade, das prostitutas, dos assassinos.”

Ela já publicou 32 livros e mais de 200 artigos, além de ensaios e capítulos em livros coletivos. Embora na primeira fase tenha publicado livros extensos, ficou mais conhecida

por um livro pequeno, “História do Rio Grande do Sul” (1980).

Na segunda fase, escreveu, entre outros, “Imaginário da Cidade - visões literárias e urbanas” (1999), abordando Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Suas obras mais recentes são “Uma outra cidade – o mundo dos excluídos no final do século XIX” (2001), “História & História Cultural” (2003) e um livro em CD, “Visões do Cárcere” (2003). No momento, finaliza mais uma pesquisa patrocinada pelo CNPq, “Os sete pecados da Capital”, em que faz um estudo das trajetórias de sete mulheres que, em Porto Alegre, estiveram na contramão da vida, pelo crime, pela moral ou por práticas não-convencionais. E tenho me divertido muito.”

FILME DE HOMEM

“Gosto de filmes que permitam entrar nos sentimentos e nas razões que movem as pessoas, sobretudo quando se passam em outras épocas. Comédia, só se for muito boa. Tem muita comédia besta, feita para americano rir. Eu não rio dessas comédias. Também detesto aquilo que chamo de filme de homem, que tem polícia, gang, segredo, espião, corrida de carro... Não entendo, odeio.”

ARTES DO DESTINO

“Conheci o Roberto na Faculdade de Economia, quando participava de um seminário só para acompanhar uma amiga interessada num rapaz de lá. Por artes do destino, o romance dela não deu certo, mas o meu sim: casei com Roberto. Temos dois filhos, Rodrigo e Ana Paula. Sou muito orgulhosa deles: são amorosos, generosos, inteligentes e bem-sucedidos.”

ARRANHANDO O SOFÁ

“Não tenho netos, mas me considero avó de um cachorro buldogue francês com 3 anos de idade, o Chilli Pepper, trazido por minha filha. E tenho um gato, chamado Minouche, que merece entrar para o livro dos records, pois tem 21 anos de idade. Ele é o verdadeiro dono desta casa e tem permissão para arrancar o sofá.”

MORENA NÃO COME

“No vôo Atenas-Lisboa, em avião de uma companhia da África do Sul, serviram refeição para o Roberto, que é loiro e tem olhos azuis, e não serviram para mim. O Roberto protestou, e o comissário perguntou por que deveria servir. Quando soube que eu era a esposa, se admirou: ‘Sua esposa?’ E colocou uma bandeja na minha frente.”

O FRANCÊS NEGRO

“No metrô de Paris: um rapaz negro se lamentava em altos brados, e os amigos tentavam consolá-lo. Como continuasse chorando, os amigos se impacientaram. Um deles se levantou e disse: ‘Tu é burro, Pierre, tu é burro, não existe francês negro.’”

Novos tempos, outra cultura

Sandra começou a estudar no jardim-de-infância do Instituto de Educação, onde fez todos os estudos até o Curso Normal. Pela mão do pai, atravessava a Redenção todos os dias. E nas manhãs geladas de inverno, parava de vez em quando para fazer desenhos com um graveto na geada que se formava sobre os bancos do parque.

“Era um tempo em que o ensino público oferecia uma educação sólida. No Instituto, o ensino do Português era primoroso. Se estudava Literatura, se lia os clássicos, se fazia análise sintática de ‘Os Lusíadas’ em aula. Tinha Latim, que facilitava o reconhecimento das raízes das palavras e a compreensão da etimologia. E exames orais, que obrigavam os alunos a se empenhar em termos de organização do pensamento e da fala. Além disso, o ensino do Francês se estendia pelos quatro anos do Ginásio.”

Ela lamenta que, atualmente, os jovens não leiam Dostoiévski, Balzac, Eça de Queiroz, Dickens e que usem a língua portuguesa com certo desleixo. Mas não estranha que isso aconteça, diante dos “livrinhos com histórias tão sem ação, tão sem nexos, tão sem intriga que agora são



“Sou ‘avó’ do buldogue Chilli Pepper”

recomendados na escola.”

“Hoje, se vive no mundo da imagem, mas pouco se trabalha a leitura dessa imagem. Navegamos na superfície desse mundo imagético, e as pessoas fazem associações com produtos e indicações, mas não têm uma cultura que lhes permita entender a arte, ou sequer tentar fazer uma leitura interpretativa e simbólica dessas imagens. Esses sintomas são alarmantes e estão ligados a um terceiro fator: as pessoas são coagidas a optar por setores cada vez mais especializados do conhecimento. Isso bloqueia a possibilidade de enxergar e compreender o mundo.”

“Vivemos na superfície do mundo da imagem”

“Viajar é muito importante”

A neve cai sobre Istambul num fim de tarde de fevereiro. Um céu cor-de-rosa emoldura a Igreja de Santa Sofia enquanto, no alto de um minarete da Mesquita Azul, um muezim chama os fiéis para a oração, tremendo a voz num longo “Allah, u akbar”. Se esse momento é inesquecível para Sandra, nada se compara ao encantamento provocado pela visão de Petra, cidade esculpida em pedra rósea, no meio do deserto, na Jordânia.

Imagens como essas a ajudam a se encher de energia para enfrentar a vida. Por isso, considera que viajar é uma coisa muito importante. Sandra já esteve em quase todos os países da Europa e em diversos países de outros continentes. Familiarizada com Paris, por ter feito pós-doutoramentos e por coordenar projetos junto à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, acabou comprando um pequeno apartamento na capital francesa, onde passa três ou quatro temporadas por ano, em férias ou a trabalho.

Sandra nasceu em Porto Alegre, num dia 22 de fevereiro, na Cidade Baixa, onde vive até hoje. A mãe tinha sangue italiano, alemão e português; o pai, sangue português e indígena; a filha saiu morena. Ela passou a infância numa casa asso-

bradada, com um enorme quintal que abrigava sete gatos. Naquele tempo a cidade era tranqüila, velhas na janela, cadeiras na calçada. E as crianças podiam brincar na rua, despreocupadas – de roda, de pegar, de esconder – enquanto os adultos tomavam chimarrão e conversavam.

Debaixo do sol de verão, a avó abria a sombrinha para ir ao armazém do Marreca, na esquina da Venâncio com a Lima e Silva. Perito dali havia um cortiço, onde de vez em quando ocorriam batidas policiais. E na Praça Garibaldi tinha um ponto de táxis, na época, chamados de carros-de-praça.

Junto à praça, estava o Cinema Garibaldi, que a mãe chamava de Garipulga. Ao lado, a Churrascaria do Odilon, uma das primeiras a serem abertas na cidade, especialmente para atender aos visitantes da Exposição de 1935, comemorativa ao centenário da Revolução Farroupilha. E na quadra em que Sandra morava, havia um casarão que era a sede da tribo carnavalesca Os Xavantes. Quando eles se preparavam para desfilar vestidos com plumas coloridas tiradas de espadador, as crianças ficavam eufóricas. Afinal, aquela era a tribo delas. Sandra conclui: “Acho que tive uma infância muito feliz.”



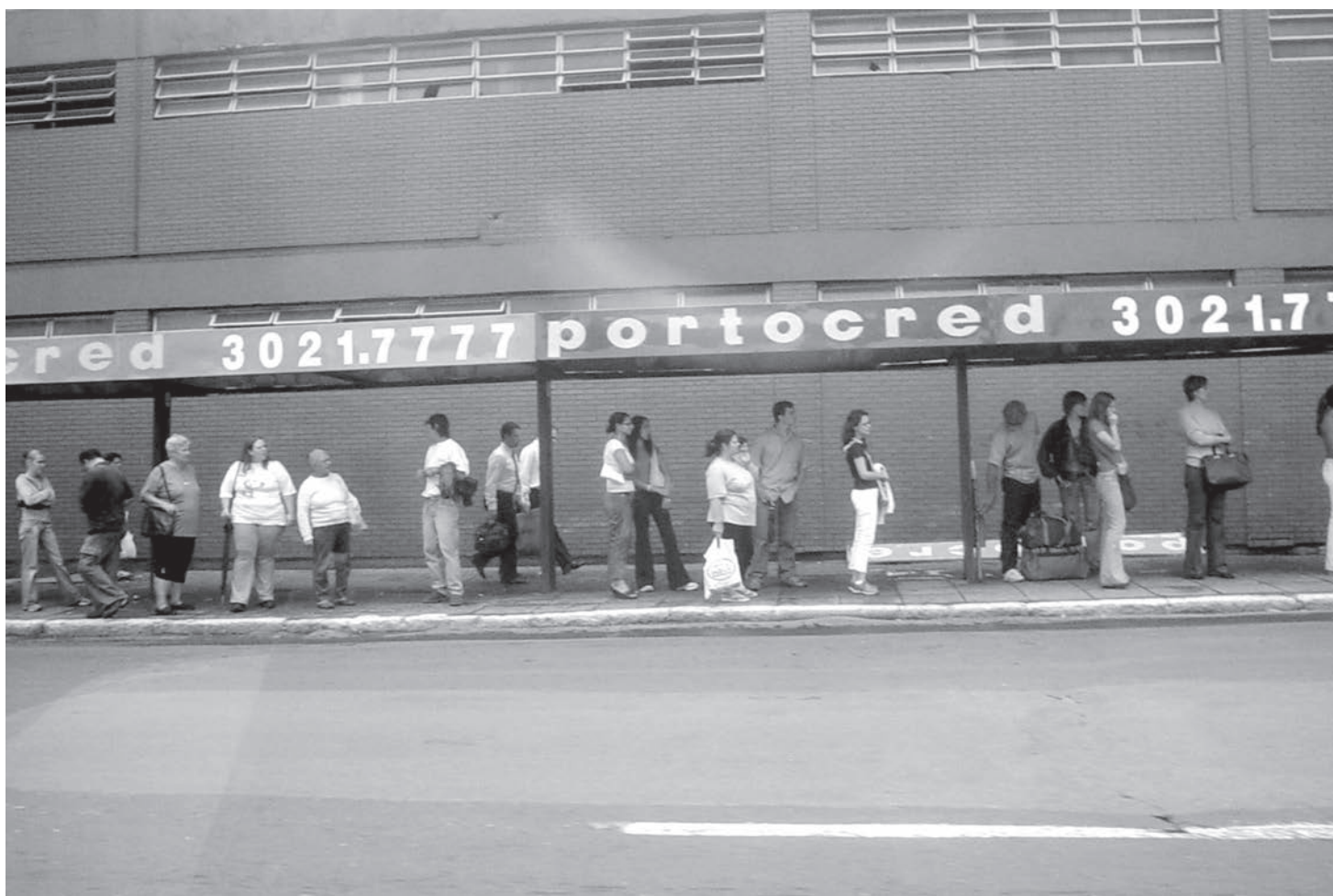
De casa para a Casa

Alunas do Instituto de Artes comemoram com exposição o Dia Internacional da Mulher

Flávio Dutra e Viviane Gil*

A cidade e seus prédios entrecortados, a sinalização das ruas em tomadas improváveis e uma rotina particular revelada através da presença de algumas pessoas. O olhar singular de três artistas sobre o percurso realizado de suas casas até um determinado lugar no centro da cidade. Três artistas mulheres que captam, através da condição de andarilho ou passageiro, um lugar de ruptura nas relações convencionais entre o sujeito e seus deslocamentos no meio urbano. Gabriele Lemanski desvenda em cada enquadramento escolhido, um lugar de silêncio dentro de um contexto urbano caótico. Júlia Berenstein relata através de um olhar que arriscou a tomada fotográfica, como pode ser redescoberto, a cada dia, um velho lugar de passagem. Rochele Zandavalli nos mostra o trajeto que não é o mais prático, nem o mais rápido, mas aquele que é mais prazeroso por fornecer imagens que não estão distorcidas pela velocidade das grandes avenidas. Ao transformar em fotografias os detalhes mais significativos dos seus percursos, as três artistas deformam as imagens fornecidas pela percepção, libertando-se das imagens primeiras e revelam, para aquilo que já se tornou banal no percurso do bairro ao centro, um outro lugar, que pertence somente à imaginação de cada uma. As imagens dessa mostra foram desenvolvidas especialmente para o espaço da Casa de Cultura Mario Quintana e sua Fotogaleria Virgílio Calegari, na semana de comemoração do Dia Internacional da Mulher. Na exposição, que estará aberta entre os dias 9 de março e 16 de abril, os caminhos transformados em imagens por Gabriele, Júlia e Rochele têm um ponto de chegada único, marcado por fotos de trabalhos de outras artistas mulheres (Cindy Sherman, Frida Kahlo, Diane Arbus), referências e ícones femininos da História da Arte.

*Mestranda em História, Teoria e Crítica de Artes do PPGAV/UFRGS



Júlia Berenstein



Júlia Berenstein

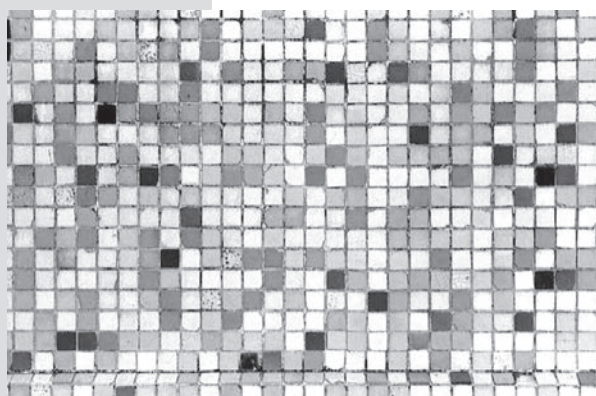
As imagens dessa mostra foram desenvolvidas especialmente para o espaço da Casa de Cultura Mario Quintana e sua fotogaleria Virgílio Calegari, na semana de comemoração do Dia Internacional da Mulher



Gabriele Lemanski



Rochele Zandavalli



Júlia Berenstein